



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

RIZIO BRUNO SANT`ANA

Hoje, 11 de março de 2009, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do bibliotecário Rizio Bruno para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação áudio-visual deste registro, Sergio Teichner, e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Bom, Bruno, é um prazer estar com você, um dos nossos últimos entrevistados. Nós gostaríamos que você fizesse uma reconstituição da sua formação familiar.

Rizio Bruno: Certo. Muita gente acha que eu sou mineiro porque eu vim de Minas Gerais para São Paulo, mas na verdade eu fui de São Paulo para Minas quando eu era criancinha. Minha família é toda de Minas, mas meu pai veio estudar e trabalhar aqui em São Paulo, casou em Minas e veio com a minha mãe para cá. Então meu irmão e eu nascemos aqui em São Roque, perto de São Paulo. Eu morei aqui em São Paulo com dois, três anos de idade e a partir daí a gente foi para Três Corações, no sul de Minas. Fiquei lá até 16, 17 anos e de lá fui para Belo Horizonte fazer faculdade. Então fiquei mais uns cinco anos em Belo Horizonte.

O meu pai era da roça, ele nasceu em uma fazenda. Um filho de um fazendeiro que teve oito filhos. Meu avô era muito rico, minha família era de posses, mas meu pai nunca quis saber de dinheiro tanto que meu avô dava fazendas para os filhos e meu pai sempre passava para os irmãos. Ele nunca teve dinheiro, nunca

teve nada... Ele dizia que não tinha tino comercial. Então ele queria estudar, foi para a Europa em 1952, que é uma coisa que não seria muito para quem era fazendeiro do sul de Minas. Foi para a Europa, foi para os Estados Unidos, sempre falou várias línguas que aprendeu sozinho; ele assistia filmes e gostava de contar que assistia aos filmes duas vezes, a primeira vez ele assistia para entender a história, depois ele assistia com o olho fechado, para ouvir as pessoas falando em inglês. No final da vida, ele foi professor de inglês, ele deu aula na faculdade de Três Corações. Mas ele sabia várias línguas: francês, alemão, lia russo com o dicionário, chegou a traduzir coisas em japonês também. Ele gostava muito disso.

A minha mãe já teve uma outra formação, ela era filha de juiz. Os avôs, bisavôs, trisavôs foram todos juízes, desembargadores, todos da elite de Minas, do interior de Minas, mas com grandes bagagens intelectuais. O meu bisavô, por exemplo, foi o presidente do supremo de Minas Gerais que transferiu a capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte em 1898. Meu Bisavô também foi um desembargador, meu avô desembargador e meu tio também foi desembargador aqui em São Paulo, chegou a ser presidente do Tribunal de Justiça. Então é uma família toda de juristas, e minha mãe teve uma formação mais refinada de certa forma. Meu pai gostava muito de música popular brasileira, gostava de samba, de rádio. E a minha mãe ouvia discos, só ópera, coisas mais refinadas.

DP: Como é que eles se conheceram, Bruno?

RB: Se conheceram em Três Corações, porque o meu avô, pai da minha mãe, era juiz e ele passeou por mais de vinte cidades. A gente fala “passeava” porque cada ano ele era juiz em uma cidade. E mais ou menos quando minha mãe tinha por volta de vinte anos ele foi ser juiz em Três Corações e meu pai estava voltando dos Estados Unidos e encontrou com ela, se apaixonaram e se casaram. Foi rapidinho assim, menos de um ano já estavam casados.

Aí, como ele tinha feito química aqui no Mackenzie, ele foi trabalhar em uma fábrica de Alumínio que era do Antônio Ermírio de Moraes, que ele chamava de Toninho porque era mais novo do que ele, meu pai é um pouco mais velho. Aí



trabalhou lá em Alumínio e a gente nasceu em São Roque que era a cidade que ficava do lado.

Então, de certa forma, minha formação familiar vem um pouco dessa mistura: de conhecimentos que o meu pai tinha, ele tinha o conhecimento enciclopédico e ele gostava de livros, minha casa devia ter dez mil, 15 mil volumes de obras de todo tipo.

DP: E ele com essa formação toda, quer dizer, ele foi educado para ser um fazendeiro e migrou, declinou. Ele é o único que teve essa formação diferenciada?

RB: Teve um outro irmão que foi professor, mas também tinha fazenda, então ele fazia as duas coisas. Mas meu pai só foi professor, estudante. Ele estudou muito em internato na década de 1930, 1940. Ele gostava muito de mostrar um livrinho que ele tinha de latim que ele fez a revisão do texto.

Tem um padre, que eu não me lembro mais qual, que tinha escrito um livro de gramática latina da década de 1930. Meu pai devia ter sete ou oito anos e ele ajudou o padre a fazer, acho que ele estava no segundo ano... Mas ele já gostava de estudar, de ler e, era uma coisa engraçada, ele contava aquilo como uma vantagem. Mas na verdade ele falava algumas coisas assim que eu, quando criança, achava estranho porque eu não entendia o que era, ele falava que ele não precisava saber as coisas, bastava ter uma obra de referência. Eu falava assim: “Mas obra de referência, mas o que é isso?” Ele explicava: “É um dicionário, uma enciclopédia”.

Então eu aprendi as coisas que são comuns em biblioteconomia muito cedo, quando criança. E ele tinha arquivos em casa de recortar coisas: jornal, revistas, pilhas e pilhas. Quando eu falo arquivo não é uma pastinha, são pilhas e pastas que no final da vida acabaram se perdendo, enfim, não se mantiveram. Mas a gente colocava isso em ordem, então cedo, muito cedo mesmo, com cinco ou seis anos eu já ajudava a colocar as coisas em ordem alfabética por assunto, por classe... Então a biblioteconomia, para mim, foi uma coisa comum desde criança. Tanto que quando eu fui estudar em Belo Horizonte, com vinte anos, eu fui fazer vestibular e eu escolho biblioteconomia, embora eu não soubesse exatamente o que era, mas sabia



que mexia com livros e eu já estava acostumado com livros, passei a minha infância toda lendo muito...

DP: O que você lia na infância?

RB: Eu li muito romance, ficção científica, meu pai tinha muita ficção científica. Ele era professor de física e de inglês. Então ele gostava de ficção científica americana, então a gente conhecia muito sobre isso, conversava...

Então eu fui fazer esse vestibular só que minha mãe falou: “Biblioteconomia não. Não dá muito futuro. Vai fazer alguma coisa mais...”. Aí, eu um pouco influenciado por isso, eu fiz também geologia porque na época você fazia vestibular para duas ou mais matérias. Eu passei nas duas, mas acabei fazendo geologia, entrei com dezessete anos na faculdade. Só que eu não gostei: era física, química, engenharia, matemática, cálculo infinitesimal, coisa que eu nunca tinha gostado, nunca tinha estudado. Então eu acabei abandonando com um ano mais ou menos.

Como a gente tinha saído do sul de Minas e ido para Belo Horizonte, e aí teve uma briga familiar, porque meu pai era muito conservador também apesar de ter todo esse aparato, ele era muito do interior mesmo. Ele não queria que a gente saísse de lá, ele falava que dava aula na faculdade lá e que a gente podia muito bem estudar lá, que só tinha o curso de letras. Mas eu falei: “A gente não quer fazer isso, quer outras coisas e isso tem em Belo Horizonte”.

Ele dizia que não e acabou que a minha mãe se separou dele e foi para Belo Horizonte com cinco filhos. E aí lá a gente fez faculdade e uns três anos depois minha mãe voltou e continuou morando com ele e tal. A gente depois fez as pazes, acabou voltando.

DP: E os irmãos, quais são as formações?

RB: A minha irmã... Eu tenho uma irmã mais velha e eu sou gêmeo com outro e tem mais dois abaixo de mim. A irmã fez assistência social, hoje ela é secretária de assistência social em Três Corações. Meu irmão gêmeo é programador de computador, chegou a ser analista de sistema no Rio de Janeiro, algo relativo a



PRODAM¹ aqui de São Paulo. Foi para o Rio de Janeiro, depois acabou voltando e agora voltou de novo para o Rio e trabalha como técnico no Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, na área de programação. Um outro irmão, engraçado, ele fez a mesma matéria que eu – geologia – também por influência da minha mãe e também saiu no meio do curso, não gostou e foi fazer educação física. Era a coisa que ele gostava, ele sempre jogou muita bola e hoje ele é professor de educação física e mora em São João Del Rei, no interior de Minas. E o mais novo, que a gente fala que é o artista da casa, ele é arquiteto formado, mais ele sempre gostou muito de pintura, desenho e música. Ele chegou a trabalhar um pouco com arquitetura, mas abandonou logo para fazer música. Foi produtor de disco, arranjador... Ele é bom com arranjos vocais, então esteve em vários corais, regeu coral, tem várias músicas gravadas também, ele compõe. E tem um grupo vocal em Belo Horizonte que ele mantém a mais de vinte anos, e que inclusive já cantou na própria BMA.

DP: Tua vinda pra São Paulo foi quando?

RB: Eu fiquei em Belo Horizonte dos 17 aos 24. Fiz geologia por um ano, parei, trabalhei como auxiliar de escritório, depois nos correios e depois resolvi fazer comunicação, fiz mais dois anos de comunicação e trabalhei em uma agência de publicidade. Fiz filmes, esporte para televisão, fiz roteiro, cheguei a ganhar um prêmio de melhor direção de propaganda, isso em 1974, 1975, em Belo Horizonte. Aí estava meio sem saber o que fazer e meu tio, que era juiz aqui em São Paulo, me chamou para vim para cá dizendo que aqui tinha cinema, já que eu gostava disso. Era uma coisa que o meu pai gostava e a gente fazia junto, tanto o arquivo dele sobre cinema, cineastas, filmes, como das coisas de ficção científica... Então, para mim, aquilo era uma coisa bem viva.

Eu acabei saindo de Belo Horizonte e vim para cá. Junto com o fato de que eu namorei uma menina que era de São Paulo, e aí eu resolvi vir para cá. Fiz cinema, entrei na USP²...

¹ A Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação que presta serviço para a Prefeitura Municipal de São Paulo

² Universidade de São Paulo



DP: Em que ano foi isso?

RB: Em 1979 eu fiz vestibular e entrei em 1980. Comecei a fazer cinema, fiz três anos e parei. Eu cheguei a trabalhar na Cinemateca Brasileira organizando arquivo de recortes de jornais da cinemateca que era a mesma coisa que eu fazia quando eu tinha seis, sete anos de idade. Aí então eu falei: “Isso aqui eu já sei, eu faço tranquilamente”.

Aí eu vi que na verdade o que eu gostava era trabalhar mais em arquivo do que em cinema. Inclusive eu descobri também que não adiantava nada eu ter um diploma de cineasta porque ninguém iria me contratar com o diploma, eu teria que gostar de fazer cinema e de querer fazer, de ir atrás, não é? E isso eu não gostava, quer dizer, eu não saberia fazer filmes. Então eu mudei na própria ECA³ de curso, para biblioteconomia. Antes eu fiz um outro estágio de fazer vestibular para psicologia, porque eu achava que era uma coisa interessante...

DP: Queria ficar ali naquele corredor...

RB: Era do lado o prédio de... E eu já tinha feito análise que era outra coisa que também me interessava. Eu li alguma coisa a respeito, mas acabei não entrando e achei melhor, passei só na primeira fase e não passei na segunda.

Mudei de curso para biblioteconomia em 1983. Como já tinha mudado o currículo, eu praticamente tive que fazer o curso de novo, apesar de ser na ECA. A parte básica que eu tinha feito no cinema não servia para biblioteconomia. Levei mais quatro anos.

Quando eu estava já com 27, 28 anos, minha mãe já tinha 56. Ela falou: “Eu vou me formar antes que você”. Porque ela nunca tinha estudado, ela estudou quando criança e jovem. Ela foi professora do Colégio Sion, porque ela sempre teve aquela formação em Campanha, no sul de Minas. Perto de Três Corações tinha um Colégio Sion, então ela teve aquela formação clássica. Ela passou a ser professora do Sion em Belo Horizonte, mas a partir daí ela nunca mais estudou. Ela falou que ia

³ Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo



fazer pedagogia e falou: “Vou me formar antes de você com 56 anos”. E acabou se formando um ano antes, porque de tanto que eu mudei de curso...

Conclusão: eu entrei na faculdade em 1973 e saí em 1986, 14 anos depois. Mas eu acho que foi bom, estudei o que eu gostava, o que eu quis. Aprendi muita coisa na prática também, mexi com várias áreas: música, teatro, produção. Fiz coisas em Belo Horizonte na área de música. O meu irmão era músico, então a gente ajudava na produção. Eu gostava muito de pesquisar, então eu lia muito, trabalhava também nessa área.

Ao entrar na faculdade de biblioteconomia, logo eu comecei a trabalhar como estagiário e depois eu fui contratado pela Faculdade de Economia da USP. Eu fazia de manhã o curso e à tarde, estágio. Depois eu passei a ser contratado e passei a estudar à noite. De lá eu saí e fui trabalhar na biblioteca da GV⁴, de lá eu saí e fui contratado pela Fundação SEADE⁵, para trabalhar junto com a Faculdade de Economia, mas numa área interessante que era a área de demografia histórica. A Fundação SEADE é igual ao IBGE⁶ aqui em São Paulo que faz análises demográficas, e tinha uma área que era demografia histórica – estudos de populações no passado. E tinha um professor de economia da USP que estudava exatamente essa área...

DP: Quem era?

RB: Iraci del Nero da Costa.

Então eu trabalhei muito tempo na FEA⁷. Foi uma coisa boa também porque a área de pesquisa era muito exigente, muito séria e avançada. Tinha um professor Delfim Netto, João Sayad, vários professores. Jacques Marcovitch na área de administração. Eu tive contato com todos eles.

Aí caiu na minha mão um programa de computador que estava sendo usado em Paris, lançado pela UNESCO⁸, chamado *Microisis* e ninguém conhecia no Brasil

⁴ Fundação Getúlio Vargas

⁵ Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – ligada à Secretaria de Economia e Planejamento do Governo do Estado de São Paulo

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁷ Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo

⁸ United Nations Educational Scientific and Cultural Organization



e estava sendo lançado em 1983, 1984. Então eu comecei a usar esse programa, o traduzi para o português, porque ele é todo em francês e inglês. Várias pessoas na USP ficaram interessadas, eu ainda estava fazendo o curso, estava como aluno de biblioteconomia. Aí vários bibliotecários perguntaram: “E como funciona?”. Porque existiam poucos programas de catalogação de livros aqui no Brasil. Então eu repassei para várias pessoas. Hoje em dia eu vejo que várias daquelas pessoas viraram professores de *Microisis*, mas hoje o *Microisis* já não tem tanta importância, isso já tem mais de vinte anos. Foi uma época interessante, eu aprendi bastante e comecei a estudar documentos históricos que era uma área que eu gostava.

Voltando lá atrás, quando eu fiz geologia, o que me interessou não foi tanto trabalhar com petróleo, Petrobrás e tal. O que me interessou foi fazer paleografia, eu gostava de arqueologia, eu gostava de história, eu gostava de pesquisa... Eu falava que ia trabalhar no Egito, aquelas coisas de criança. Então assim, pesquisa histórica foi uma coisa que sempre me interessou e aí eu comecei a trabalhar com documentos, manuscritos... Cheguei a fazer alguns artigos e publicar na revista da faculdade.

DP: Eu queria que você falasse um pouquinho do curso. O que você achou? Como ele estava estruturado? A qualidade dos docentes. Quão sintonizado o curso estava com correntes internacionais de biblioteconomia? Como você avalia a sua formação na USP naquele período?

RB: A impressão que eu tenho é que o curso da USP era um pouco diferente dos outros cursos de São Paulo que davam mais valor à técnica. A gente dizia que quem se formava nos outros cursos em geral aprendia muito bem a catalogar. Fazia catalogação muito bem feita, mas só aprendia isso. E na USP o curso era mais ligado às áreas de humanas, então era mais questionador, era mais problematizada a questão do que fazer na biblioteca ou qual a importância da biblioteca dentro da vida do brasileiro, do Brasil. Lá tinha matérias como: Biblioteca e Sociedade, que discutia a questão da exceção da leitura e coisas assim. Isso eu achava interessante.



Por outro lado, a parte técnica não era tão valorizada, então eu não sei se isso não prejudicava um pouco em termos da catalogação, das normas. Muita gente diz que biblioteconomia não deveria ser um curso superior, poderia ser um curso técnico porque fazer fichinha é uma coisa mais ou menos simples. A dificuldade que tem é quando você analisa o livro para fazer indexação dele, retirar assuntos e aí o que você precisa ter é conhecimento que o próprio curso não vai te dar, que vai te dar é a vida, são as informações que você tem... Enfim, o curso em si era bom, ele tinha... Bem, como eu já tinha feito cinema, eu já tinha passado por outras matérias que o aluno decide, e em biblioteconomia eu não teria feito. Eu fiz filmes e, ao mesmo tempo, eu trabalhei no coral, cantei por três anos no coral da USP como aluno da ECA, então eu tinha essa área de música que eu também gostava. Eu tinha outras informações que não eram do curso, eu não saberia bem separar o que era... o que eu aprendi ou deixei de aprender. E no primeiro semestre de curso eu já estava trabalhando e, portanto, a parte técnica eu aprendi na prática, eu aprendi a catalogar muito antes do professor estar discutindo o que era catalogação porque eu já estava fazendo, não é? Eu trabalhei muito na área de seleção e aquisição que era uma coisa que eu gostava, que eu lia outras línguas, então era fácil de ver catálogo de editoras, saber o que estava saindo... Eu sempre tive interesse em computador mesmo antes de existir a facilidade que tem hoje, então eu já tinha acesso às informações de várias áreas. Inclusive, na Fundação Getúlio Vargas, quando eu trabalhei como monitor, como estagiário, eu era obrigado a ler todas as revistas que chegavam semanalmente – eram dezenas – para saber quais eram as matérias novas que estavam saindo, porque eu trabalhava com o pessoal de pós-graduação, o Eduardo Suplicy e vários desses professores, e a gente tinha que ficar informando as novidades na área, então eu sempre gostei de saber das novidades que estavam acontecendo em todas as áreas.

Agora, o curso tinha bons professores: Maria Christina Barbosa, Luís Milanesi... A gente sempre discutia muito, mas ele era uma cabeça. Teixeira Coelho, a Joana Smith, a Neuza, professora que me ensinou bastante. Ela gostava muito de bibliografia, era o que ela ensinava, então com ela eu aprendi a analisar enciclopédia, que era uma coisa que eu gostava desde o meu pai, mas não tinha formação técnica, então eu entendi como ela é feita, para que ela serve, quais são



as partes, a estrutura, como ela se organiza. Hoje em dia com a internet parece que a enciclopédia perdeu um pouco o valor, mas ainda é um instrumento importante. Todas as fontes bibliográficas eu aprendi a analisar, a pesquisar, a conhecer. E também na prática, nos trabalhos que eu desenvolvi, eu ia aprendendo com os bibliotecários. A Tânia que foi diretora da GV, era professora na ECA, era bem legal, muito crítica...

DP: O curso de biblioteconomia da USP é de quando?

RB: Acho que da década de 1960. Quando se criou a ECA, acho que 1964. Em 1967 acho que já tinha biblioteconomia.

DP: Você entrou e já tinha uma estrutura consolidada?

RB: Eu acho que ele seria o último curso da USP, o mais novo na época. Um dos problemas, por exemplo, é que para ser professor da Faculdade precisava ser professor doutor, livre-docente ou coisa assim. E não existia nenhum formado na USP que fosse doutor em biblioteconomia, então os diretores eram de fora. Foi o Ferri, que acho que era de química; foi uma professora da história que eu não me lembro o nome; vários diretores do curso eram de outras faculdades, mas iam para lá porque eram doutores. A Christina Barbosa era doutora, mas só se formou na década de 1990, por aí. Mas, enfim, a gente tinha muita liberdade na ECA, uma coisa boa.

Eu como trabalhei tanto à tarde, como de manhã e depois de noite, e eu ficava mudando o curso, às vezes eu ia à noite, às vezes de manhã. Tinha liberdade para fazer a matéria de acordo com a necessidade. E eu tive “colegas” professores, como é o caso do Valdomiro que é um grande nome hoje, com vários livros e tal. O Valdomiro é mais novo do que eu, mas era meu professor, então a gente trocava muita figurinha, conversava muito...

DP: E o perfil dos alunos... alunas, não é? Provavelmente você era um dos poucos alunos do gênero masculino.



RB: É, acho que como enfermagem e outros cursos que têm mais mulheres, pedagogia, letras... Tem mais mulheres. Era interessante, a gente não tinha muito tempo para conversar porque meio que todo mundo trabalhava já. Biblioteconomia é uma área que está sempre em evolução, crescimento, tem sempre emprego, dificilmente alguém ficava sem trabalho, estágio. Durante as aulas você conversava ali da matéria e tal. Eram bons alunos, tanto que vários foram ser diretores, ou chefes em várias bibliotecas.

Agora tem o aspecto que eu acho que era importante na ECA que eu já tinha vivência e que eu acho que os alunos talvez não tivessem tanta, que era essa vivência social ou artística, digamos assim: assistir a filmes, óperas e teatro. Eu me lembro muito bem do Teixeira colocando isso, ele era muito crítico nessa área, ele falava assim: “As matérias deveriam ser, por exemplo, num semestre cinema, então todo mundo ia falar de cinema... Todo mundo ia falar de cinema, discutir aquele filme nas diversas matérias e coisa e tal. E que fazia parte da formação do aluno assistir a um filme, não era só uma diversão, um entretenimento de fim de semana, era uma coisa que as pessoas deviam fazer e depois falar”. Ele comentava na aula: “Vocês viram o filme ontem?” E todo mundo: “Heim, que filme?”. Nem sabiam. Aí ele falava: “O do Woody Allen”. E Muita gente não sabia quem era e ele ficava meio nervoso. Mas eu não, eu assistia tudo, então não tinha problema.

DP: E outros cursos que você lembra que foram marcantes nessa formação?

RB: Dentro da área de biblioteconomia?

DP: É, na biblioteconomia. Você fez cursos fora também? Ou você aproveitou as matérias que tinha feito anteriormente?

RB: Não, porque na ECA eu tinha feito cinema e depois biblioteconomia. Então eu aproveitei as matérias da própria ECA. Dos outros cursos, cálculo infinitesimal, eu só lembro o nome. Eu sei da importância, inclusive eu me lembro. Só um parêntese bem longo: uma vez discutindo com uma namorada, a gente passou em frente da



Faculdade de Odontologia e ela falou: “Nossa eu jamais faria odontologia” Eu falei: “Mas por quê? É uma coisa importante”. “Não, porque é muito chato e eu detesto dentista”. Aí eu fiquei pontificando: “Não, mas e a importância do dente para a saúde da pessoa... A importância do dentista na saúde pública da população...”. Falei, falei e ela disse: “E por que você não faz a faculdade?” – “Eu não, eu detesto isso” – “Ué, mas então por que é que você está falando?” – Eu falei: “Eu detesto para mim, eu não quero ser dentista, mas eu não teria coragem de falar ‘eu detesto dentista’, ‘eu detesto a faculdade’ até porque eu acredito que seja uma boa faculdade”.

Então, assim, eu sempre gostei de estudar, sempre gostei de aprender e não renego nenhuma...

DP: Mas os cursos na biblioteconomia que tenham sido emblemáticos para você. Você falou esse do Teixeira Coelho, Milanese...

RB: É. O da Christina, de organização, embora seja meio desorganizado, mas é, porque ela tocava em vários aspectos da formação da biblioteca. Os cursos do Teixeira e do Luís nem eram exatamente sobre bibliotecas em si ou sobre a prática da biblioteca, é mais da vivência, do atendimento ou da discussão do poder da biblioteca em relação à ação cultural, que era uma área que me interessava, então a gente discutia mais a presença da biblioteca. E um pouco a parte técnica talvez com a Neuza quando a gente discutia bibliografia, fontes... Mas a área mesmo de catalogação, de coisa assim, eu sempre achei que não era um problema, digamos assim, era uma coisa técnica – você já sabe, põe em ordem alfabética, escolhe o assunto, classificação. Eu não tinha problemas com isso, é importante, necessário, mas nada assim... Até porque nunca foi minha área de trabalho especificamente.

DP: Mas quando você entrou no curso, com essas migrações todas, você teve a sensação de que encontrou o seu campo de atuação?

RB: Eu creio que sim, porque de certa forma juntou com várias outras coisas que eu tinha feito e que gostaria de fazer. A área de história, de pesquisa histórica, tanto que hoje eu trabalho com obras raras que são livros antigos. A área de ação cultural



de trabalhar com música, teatro, cinema, tanto que na Mário de Andrade eu fui chefe da Extensão Cultural, então eu selecionava músicas, selecionava apresentações, mesmo palestras, cursos, eu fazia em várias áreas que a biblioteconomia permite você interagir, eu tinha facilidade, digamos assim. Tanto que, pulando um pouco na cronologia, quando eu entrei na Prefeitura me ofereceram onde eu queria trabalhar. Eu não sabia...

DP: Quando foi?

RB: Em 1989. Estou fazendo vinte anos, foi em julho de 1989. E eu falei: “Posso trabalhar em qualquer lugar”. Aí eles falaram: “Você tem o direito de escolher”. Eu tinha tirado o segundo lugar no concurso e aí então falaram: “A primeira menina já foi para a Referência da *Mário de Andrade*, você é o segundo, então você escolhe para onde você quer ir”.

DP: Quem era? O primeiro lugar foi de quem?

RB: Maria Tereza, alguma coisa assim. Mas ela ficou pouco tempo, ela ficou cinco ou seis meses, logo depois ela fez um concurso para o tribunal e saiu. Aliás, os cinco primeiros lugares fizeram o mesmo concurso para o tribunal e saíram. Então eu sou o único resistente, não fiz o concurso.

Então assim, eu falei: “Mas eu tenho que escolher hoje”. Eles falaram: “Não, você tem um mês para tomar posse, então você pode pensar, sua vaga está garantida”. Aí, o que é que eu fiz? Eu fiz uma peregrinação, fui ao IDART⁹, que era um instituto de arte e pesquisa que Teixeira Coelho era o diretor, para ver como trabalhava, como funcionava, o que eles faziam, porque era uma área que me interessava: música, teatro, pesquisa... Mas achei meio estranho, ainda era na Casa das Retortas depois foi transferido para o Centro Cultural, mas o jeito que a coisa estava organizada não me atraiu muito. Aí eu fui para o Centro Cultural, porque eu gostava, sabia das pesquisas do Mário de Andrade, pesquisas folclóricas dele

⁹ Departamento de Informação e Documentação Artística



estavam lá. Eu já tinha feito a bibliografia do dicionário musical brasileiro do Mário de Andrade, quando eu trabalhei com o IEB¹⁰; o livro foi publicado em 1985, 1986.

DP: Você chegou a trabalhar no IEB?

RB: Convidado para fazer essa pesquisa da bibliografia. Então eu conhecia muita coisa do Mário e de música, folclore... Aí eu fui ver a discoteca, porque eu já tinha feito uma pesquisa sobre a Oneyda Alvarenga, que era secretária do Mário, que ele colocou como diretora da discoteca e que tinha morrido na década de 1980, tanto que o dicionário era um trabalho que ela estava desenvolvendo, depois foi desenvolvido no IEB. Então eu achei interessante poder trabalhar na discoteca.

DP: Os anos que antecederam o seu ingresso na Prefeitura... Foi na década de 1980 e você já tinha se formado, não é?

RB: Não, foi conjunta. Quando saiu o concurso para a prefeitura eu estava me formando, eu não tinha nem diploma, nem nada. Eu saí da USP para a Prefeitura. Eu nunca tive um emprego formal de bibliotecário a não ser na *Mário de Andrade*, meu emprego de bibliotecário é aqui. Embora – um outro parêntese – tenha causado certo constrangimento na classe, porque quando eu trabalhava sozinho na FIPE¹¹, na FEA e na GV, eu sempre fui aluno de biblioteconomia trabalhando nas bibliotecas. No caso da FIPE que foi meu último emprego, eu fui registrado como documentarista, porque eu era o único bibliotecário, tanto que as pessoas perguntaram: “Eu posso por aqui bibliotecário?”. Eu falei: “Não, eu não sou formado ainda”. “Ah, então eu vou por documentarista. Está bom?”. O senhor José Sarney assinou uma lei equiparando bibliotecário a documentarista para poder registrar a profissão. Aí, quando eu me formei e fui fazer a carteirinha do CRB¹², levei a carteira de trabalho e eles falaram: “Como assim? Exercício ilegal da profissão, você é bibliotecário e não podia ser e não sei o que...”. E deu um bafafá, quase que eu tive que pagar uma multa, mas acabou que eu tive que desregistrar aquilo que eu tinha

¹⁰ Instituto de Estudos Brasileiros.

¹¹ Fundação Instituto de Pesquisa Econômica.

¹² Conselho Regional de Biblioteconomia.



dito que era, mas não era. Eu trabalhava como bibliotecário sem ser, mas também sem ter ninguém para me informar direito. Acabou que quando eu fiz o concurso para a Prefeitura, eu não estava trabalhando de fato e aí então eu entrei na Prefeitura.

Foi isso, eu rodei em vários lugares: Centro Cultural, IDART, *Mário de Andrade*, cheguei a ir a uma biblioteca de bairro em pinheiros, mas era uma biblioteca muito pequenininha antes de ser esse prédio que é agora, eu vi que não tinha muito futuro lá. E na Mário eu achei interessante, eu já tinha ido à *Mário* algumas vezes...

DP: Você tinha ido como pesquisador?

RB: Como pesquisador...

DP: E você se lembra das primeiras impressões da Biblioteca?

RB: Lembro, eu me lembro que tinha um totem com um vídeo texto, por exemplo, logo na entrada, era uma coisa que chamava a atenção porque era uma coisa moderna. E era grande, aquelas mesas de madeira naquele salão grande. Você tinha que ficar esperando o livro ser entregue, tinha aquela coisa do crachá e do número da mesa que eu nunca entendi, até hoje. Eu achava que aquilo dificultava o processo de receber o livro mais rapidamente, mas era a forma que é.

Eu fui visitar com essa intenção de conhecer melhor por dentro, me apresentei como recém concursado.

DP: Você se lembra quem era o diretor na época?

RB: Era a Nina Rosa. Aí ela me mostrou as várias seções, eu passei assim meio dia em cada seção para conhecer e tal. Eu sou muito perguntador também, não é? Acho que as pessoas em geral não fazem isso, mas eu fui, eu perguntava, eu queria saber como é que funcionava. Então, a Maria Antônia, que hoje é diretora do CRB, era chefe da seção de Referência da *Mário*, então ela me mostrou como é que



funcionava, mas eu vi que eu não ia dar muita sorte ali porque ela era muito elétrica e eu sou mais calmo. Ela corria pra lá e pra cá e atendia mil pessoas ao mesmo tempo e a Referência da *Mário* era muito grande, atendia muita gente.

DP: Naquela época em torno de quantas pessoas? Você se lembra?

RB: Mil e duzentas.

Sendo que tinha ido cinco novos bibliotecários para lá, para a seção de Referência. Aí eu falei: “Para que mais um?”. Fui ver onde estava faltando, e estava faltando gente em Raros. Na verdade, eles não tinham colocado uma vaga para ninguém em Raros, mas eu gostei da chefe, achei ela interessante...

DP: Quem era, Bruno?

RB: Maria Regina.

E Raros era a Sala de Raros, a Mapoteca e a Sala de Artes. Eu gostava das três coisas e achei que poderia trabalhar em qualquer lugar ali. Voltei lá um mês depois e falei: “Olha, eu quero trabalhar na Seção de Raros”. O pessoal: “Ah, está bom”. Fizeram meu registro e me mandaram para Raros.

Quando eu cheguei em raros já tinha três bibliotecários: a Maria Regina, a Neuzinha e a Carminha. O atendimento era muito pequeno, realmente, como até hoje, iam poucas pessoas. E cada uma já tinha o seu trabalho lá dentro, já estava sedimentado, então não tinha muito que eu precisasse fazer, eu cobria os horários delas, mas a gente fechava na hora do almoço, tinha isso, a gente trabalhava de manhã e à tarde atendendo o público, mas fechava na hora do almoço. Todo mundo saía junto para almoçar e voltava. Então, não tinha muito que fazer, às vezes, porque cada uma fazia as suas coisas, então eu comecei a estudar a seção e isso foi uma coisa interessante porque eu tive tempo de conhecer o acervo. Eu pegava livro por livro e ia ver o que era...

DP: Seu método foi esse?



RB: Como até hoje; você tem três mil e duzentos volumes na sala. Eles são colocados por ordem de tamanho, ordem de localização e tem o fichário antigo de madeira... Então eu ia ao fichário procurar um autor, aí procurava o livro, aí aquele livro chamava a atenção para algum assunto, aí procurava o assunto e procurava outro livro. Aí eu ia ver qual o livro mais antigo que a gente tinha. Esses catálogos não existiam, mas conversando com a Maria Regina, ela falava: “A gente tem uma bíblia assim”.

DP: E quanto tempo ela estava à frente da...

RB: Há uns vinte anos.

DP: E houve essa transferência de *know how*? É realmente uma área muito especializada, que precisa de tempo para estabelecer essa intimidade.

RB: É, precisa. Eu acho que são três coisas. Precisa de tempo, não adianta falar que em um mês ou um ano você aprende, porque você precisa ter a prática, a vivência. Precisa de paciência, uma certa objetividade, a pessoa não pode ser dispersa, não pode ser... Eu até gosto de muitas coisas e tenho vários interesses, mas quando você está fazendo aquilo, você tem que ser focado. Tem que ter paciência, uma coisa assim que não tem como pesar, mas você tem que saber que vai ficar uma hora, duas horas naquele livro tentando descobrir alguma coisa que você talvez ainda não saiba. Algumas pessoas falavam: “Você tem que conversar com o livro”. Porque no caso de uma obra rara você tem que ver a fysicalidade, o aspecto de objeto do livro, e não apenas o autor, o título, a data. Não, você tem que ver o papel, a capa se é de couro ou se é de tecido, enfim, de que forma que é, como ele está costurado, se está completo ou não está. Porque diferente de um livro que sai hoje da gráfica e que você sabe que tem um volume, ou dois, três ou dez. Quando você tem um volume solto de duzentos anos atrás, só de olhar para ele você não sabe da história, quantos volumes saíram daquela coleção. Você tem que fazer pesquisa, ir atrás, você tem que se basear em fontes bibliográficas e em outras bibliotecas que tenham aquele livro. E como muitas vezes ninguém registrou aquele

livro ou porque não tinha, ou porque o acesso não era fácil. Hoje em dia é muito mais fácil com a Internet, mas na década de 1980 a gente ainda tinha que se basear em bibliografias, em geral americanas ou francesas.

DP: Que nós temos?

RB: Que nós temos.

DP: Isso está em obras raras, ou não?

RB: Está em obras raras. Eu diria assim, a gente não tem tudo, mas tem os mais importantes e dá para estudar, dá para aprender.

DP: E essa formação, essa especialização em obras raras você fez na própria Biblioteca. Você não tinha feito antes um curso e direcionado tua formação para isso?

RB: Não. Quando você perguntou sobre a ECA, a formação que eu tive, até hoje não existe o curso de obras raras. Nessa faculdade ou em outras. Eu cheguei a dar uma aula para a Christina Barbosa, de obras raras, para os alunos dela no curso de organização de biblioteca. Então, ela chamou durante o ano vários professores ou bibliotecários para ensinar ou passar alguma experiência das áreas que eles trabalham.

Quando você sai da faculdade, teoricamente você está pronto para trabalhar numa biblioteca infantil, numa biblioteca escolar que pode ser de primeiro, segundo grau ou de faculdade, biblioteca universitária, em uma biblioteca pública, em uma biblioteca particular de uma grande empresa ou mesmo em uma biblioteca em que você vai ser o único bibliotecário. Hoje na *Mário de Andrade* você deve ter uns trinta, quarenta bibliotecários. Já teve mais de cem. É diferente você trabalhar com cem colegas do que você trabalhar sozinho, onde você é o único bibliotecário que tem que atender o público, tomar decisões, comprar o livro, catalogar e, enfim... Numa grande biblioteca você tem divisão de tarefas, uma pessoa só compra, outra pessoa só atende o público, outra só cataloga. Então, assim, a faculdade deveria te dar uma



formação ampla para você se virar em qualquer uma dessas possibilidades. Ao mesmo tempo o estágio, que eu também acho importante, daria a formação na prática para ver como é que funciona e para ver qual é a área que você gosta mais. Eu, por exemplo, não gosto de atendimento, apesar de fazer atendimento. Tem muita gente que acha que eu deveria ser proibido de atender porque eu sou muito ríspido, muito bruto. Mas não, como a minha coisa é mais o livro, o objeto, a preservação do livro, eu me especializei mais nessa área. O Atendimento tem gente que gosta de fazer atendimento, que gosta de conversar com as pessoas e perguntar o que estão fazendo e tal. Não é muito a minha área.

Então, quando você está na faculdade, você não chega a aprender isso, é mais na prática desses estágios. Como eu saí direto da faculdade para a Mário de Andrade, apesar de ter feito esses estágios, eu nunca tive uma experiência de dizer: “Ah, não, em uma biblioteca privada de uma grande empresa é assim, comercial...”. A minha experiência é basicamente em biblioteca pública, na *Mário de Andrade*. Agora, eu aprendi muito do que eu sei na Mário de Andrade e a partir da Mário de Andrade, porque quando você diz dos cursos que eu teria feito durante a faculdade, eu não fiz nada além daqueles cursos básicos que eram dados para todos os alunos. Foi depois de estar na Mário de Andrade que eu fiz outros cursos, aí sim: de preservação, de encadernação e outras coisas.

DP: Nesses vinte anos, Bruno, você pegou a Biblioteca em vários momentos, quando ela começou a entrar na decadência profunda, várias gestões, várias direções... Eu queria que você falasse um pouquinho como é que você sentiu esses diferentes momentos. O que você acha que foi bem sucedido nessas diferentes gestões? Onde a Biblioteca cresceu? Onde ela perdeu o fôlego? Uma avaliação sobre esses vinte anos nas diferentes gestões que você acompanhou e esteve participando de alguma forma.

RB: Bom, eu entrei no primeiro ano da Erundina, eu tinha feito o concurso no governo do Jânio Quadros. O governo do Jânio Quadros foi, pelo que eu ouço dizer, meio contraditório como a própria personalidade da figura. Tinha dinheiro para algumas coisas, não tinha para outras. Tinha liberdade para algumas coisas, não



tinha para outras. Chegava até a ter censura. E coisas assim pouco claras, pouco esclarecidas. Ele chegou a censurar uma revista chamada *PC Mundo*, porque achava que era “Partido Comunista”, ele ainda não tinha ouvido falar em *personal computer* que é o “PC”. A Biblioteca sofria muito com isso. Ele dava uma entrevista na *Folha* e achava que era mal tratado, que a *Folha* reproduzia errado o que ele dizia e aí ele cancelava a assinatura da *Folha*, jornal diário de maior circulação na cidade de São Paulo, para a Biblioteca Municipal da cidade de São Paulo. Quer dizer, sem nenhuma ideia da consequência de você manter um periódico corrente, diário, e não só para leitura cotidiana das pessoas, mas como registro histórico dos fatos que aconteceram. Quer dizer, não era só censura, era burrice mesmo.

Com a Erundina isso não teve mais, foi um outro alento. Veio a Marilena Chauí como Secretária da Cultura, a verba saltou talvez dez vezes o que era, teve muito dinheiro para compra de livros, um monte de dinheiro para a contratação de mais de trezentos bibliotecários e um monte de dinheiro para a reforma de prédios e de aumento de serviços. Por exemplo, existia no passado um serviço de ônibus-biblioteca, que estava praticamente paralisado e no final do governo dela tinha oito linhas de ônibus para várias áreas. Dizem que no governo Maluf nada de livros foi comprado porque as pessoas ainda estavam catalogando os livros da chamada grande compra, que é a compra da Marilena Chauí.

Havia muita crítica no sentido de como tem muito dinheiro e como é fácil pedir um catálogo de uma editora, então eles pediam todos os livros sem avaliação, sem seleção, sem questionamento, sem ver se aquele livro realmente interessava ou não, ou ver se o público, de fato, estava interessado naquele tipo de livro ou não...

DP: Na direção estava a Lúcia Neíza?

RB: A Lúcia Neíza ficou quase oito. O que aconteceu? Eu não peguei muito esse processo porque eu entrei em agosto, mas quando entrou a Marilena, em janeiro, em fevereiro ela fez uma grande reunião no Teatro Municipal e disse que na gestão dela tudo seria democrático, inclusive os diretores todos deveriam ser eleitos.

Não que devessem, mas tinha essa possibilidade. Cada estabelecimento, cada instituição, cada equipamento cultural poderia escolher a forma de escolher o



seu diretor. Muitos se recusaram, falaram que não, que era obrigação dela como Secretária apontar alguém, até por que diziam: “Porque se a gente escolher uma pessoa e a pessoa fizer alguma coisa errada, a culpa vai ser nossa. É uma coisa de política e a secretária vai ter que escolher, porque se der errado, a culpa vai ser dela”.

Mas como nas áreas de bibliotecas ramais havia interesses em trocar a chefia, a direção das bibliotecas ramais, e como elas sozinhas não teriam muito peso – isso me foi falado depois – elas influenciaram pessoas da Mário de Andrade para que também trocasse a direção, porque a *Mário de Andrade* sozinha era praticamente igual a soma da rede, pelo peso político e tudo. Teve toda uma campanha de troca de direção a partir de eleição. A diretora Nina Rosa disse que não se candidataria porque ela era a diretora e queria continuar e não era justo ela ter que passar por uma eleição. Então, assim, se quisessem que fosse ela, era só não ter eleição nenhuma que ela já estava escolhida, ela não iria se candidatar para ser escolhida para um cargo que já era dela.

Ela não entrou e só a Lúcia quis se candidatar e no final acabou entrando uma outra candidata também, a Eliete, que era muito popular, muita gente gostava dela, mas não tinha muito estofamento para ser diretora, conhecimento, prática... A Lúcia já tinha trabalhado em várias áreas. Ela era jornalista da *Folha* e bibliotecária casada com um jornalista, mas separada. Gostava muito de música, tanto que era chefe da Estação Cultural, tocava violão, fazia shows de música, tinha vários shows do Tom Zé, Paçoca, Arrigo Barnabé e muitos desses que começaram na década de 1980, do Lira Paulistana passaram também *pela Mário de Andrade*.

DP: No início dos anos 1990?

RB: No início dos anos 1980 e na *Mário* também em 1990. É ainda em 1989, eu, como era muito metido, político e usava a estrelinha do PT – o pessoal ficava meio assim e a Erundina tinha acabado de ser eleita e tinha a eleição do Lula contra o Collor – acabei sendo um dos escolhidos para compor o trio da comissão eleitoral, que eram três pessoas que iam escolher como organizar. Muita gente foi contra porque falavam que eu tinha acabado de entrar, estava lá só há um mês e como eu



iria escolher alguém, que eu não tinha capacidade para isso. Eu falei: “Eu não estou aqui para escolher ninguém, estou aqui para estabelecer quais são as normas da eleição e isso eu posso fazer muito bem porque só de vivência de assembléia estudantil na USP, eu já tenho horas e horas de discussão”.

Quando eu estava entrando, em julho e agosto, foi feita a eleição da Isaura como diretora do Departamento Geral das Bibliotecas Públicas. Foi daí que surgiu esse movimento dentro da *Mário de Andrade*, porque queriam trocar a diretora. Eu não sei quais eram as candidatas, mas eu sei que a Isaura venceu. Como reflexo, a Mário de Andrade fez eleição e a Lúcia ganhou. A Marilena Chauí aceitou a Lúcia, ela ficou todo o governo da Erundina e mais o governo Maluf, ela deve ter saído acho que no final do governo. Ela pegou toda a reforma da *Mário de Andrade* que terminou em setembro, na época da eleição que o Maluf ganhou, a de 1992. Ela continuou ainda por alguns anos.

DP: E foi um período, na tua opinião, para a Biblioteca... Enfim, a gente sabe que teve essa compra grande de livros, o aumento expressivo de bibliotecários. Mas no teu ponto de vista, o funcionamento... A Biblioteca ficou dois anos fechada?

RB: Um ano e meio.

DP: Eu queria que você fizesse uma avaliação: ela teve um investimento grande, ela funcionou?

RB: Eu creio que sim. A gente reclamava que tinha uma fila de gente na porta para entrar, eu achava que era um pouco a burocracia do crachá, do documento. Mas a Lúcia sempre falava: “A gente tem que agradecer que tem uma fila de gente, portanto, eles gostam da Biblioteca, estão usando. Quando não tiver ninguém, é que a gente tem que se preocupar, enquanto tiver fila tá bom”.

Era uma época pré-internet, as pessoas não tinham em casa o acesso que têm hoje, que faz com que muitas das bibliotecas estejam minguando porque as pessoas não precisam mais ir fisicamente ao prédio da Biblioteca para ler um livro.



Então é difícil comparar aquele momento com hoje. Mas existia um interesse das pessoas em que desse certo porque politicamente era uma novidade aquele governo de esquerda. A área de cultura sempre foi uma área muito movimentada, que refletia as mudanças de governo e estavam acontecendo várias mudanças. E, ao mesmo tempo, o investimento não foi só de dinheiro em compra de material, foi também de formação. Por exemplo, há anos, pelo que eu ouvia falar, os bibliotecários não tinham cursos de formação e no governo dela começou a ter cursos de mediação de leitura, de atendimento ao público. Inclusive, uma preocupação maior com o atendimento ao público como sendo o fim mesmo da Biblioteca. Não penas comprar o livro e colocá-lo na estante e ficar sentado esperando alguém aparecer. Era uma coisa de ir atrás, de incentivar a leitura. Eu não posso dizer que tenha dado certo, que tenha funcionado dessa forma, a teoria às vezes é bonitinha, mas a prática nem sempre funciona. A Prefeitura é muito burocrática e as instituições da Prefeitura também tem esse peso burocrático, então não basta formar melhor os funcionários pensando que de uma hora para outra eles vão agir diferente. Mas eu acho que pelo menos teve um interesse, tanto das pessoas que dirigiam, como das pessoas que trabalhavam lá, de modificar as coisas, de avançar. Porque estavam num marasmo há muito tempo, não é? Quando você falou de decadência, não acho que tivesse uma decadência nesse período anterior e ali foi o apogeu, o avanço. Havia uma coisa muito parada e nesse momento ela teve mais movimentação.

Voltando lá atrás, eu me lembro que na faculdade, discutindo com o Luís Milanesi, ele perguntava sobre aquele assunto de biblioteca e sociedade, da inserção das pessoas: “Você aluno colocaria uma fotonovela na sua biblioteca?”. A maioria falava que não, que era um absurdo, “biblioteca é para ler livros clássicos”. Mas ele chegava com aquela coisa: “Colocar uma fotonovela para um público leitor que é quase iletrado e que se interessa por esse tipo de coisa, porque a novela no Brasil tem um peso cultural importante. Isso atrairia um tipo de leitor que de repente não entraria na biblioteca e a partir daí você poderia...”. Aí as pessoas já mudavam um pouco: “Ah, sim, realmente”. Então a maioria chegava: “Ah, então vamos colocar fotonovela na biblioteca para atrair esse público”. Mas ele falava: “Mas se a

biblioteca fosse boa, ia precisar de isca? Isca você faz para peixe, para público você tem que trabalhar”. E virava uma outra discussão.

Então, até que ponto a gente só fazia a isca ou estava tentando uma inserção maior na sociedade, estava conseguindo fazer com que a população realmente se interessasse. Eu ali no meu cantinho fazia o meu trabalho. Nessa época eu não fazia parte das grandes discussões, então eu não sei dizer se a gente realmente conseguiu atingir os objetivos.

[Corte na gravação]

DP: Bom Bruno, você estava fazendo uma avaliação das diferentes gestões e direções da Biblioteca Mário de Andrade. Você falou quando a Marilena Chauí esteve à frente da Secretaria de Cultura, a Lúcia Neíza que ficou dois períodos, praticamente oito anos; e desse movimento, dessa tentativa de recuperação institucional. Eu queria que você desse continuidade a essa genealogia.

RB: Eu acho que uma figura que eu uso e já falei várias vezes, é a de que uma biblioteca, ainda mais do porte da *Mário de Andrade*, é como um elefante. É muito difícil de mover para um lado ou para o outro. Então, assim, para ela decair demora muito tempo e exige muito esforço, para ela melhorar é a mesma coisa, ele não vira de uma hora para outra. Da mesma forma, eu acho que não houve um apogeu com a Erundina, mas houve uma revitalização de uma coisa que estava parada e que começou a se mover, ela voltou a ficar parada na época do Maluf.

Temos várias questões. Por exemplo, a Marilena tinha comprado muitos livros, então tinha muitos livros para catalogar. Então não precisou comprar tantos livros. Ao mesmo tempo não se queria gastar tanto dinheiro, então uma coisa ajudou a outra. Por outro lado, a gente passou a receber muitas doações, muitas editoras doavam. Teve épocas de crise econômica, então as coisas não eram muito fáceis, o salário do funcionário teve uma queda muito grande, foi a época do Plano Collor, Plano Sarney, não me lembro mais que plano era, mas eu me lembro que a gente teve uma queda muito grande de salário e muitas pessoas pediram para sair, era uma época em que você pedia afastamento da Prefeitura, sem vencimentos, para ir



trabalhar em empresas privadas e outros lugares. Então, muitas e muitas pessoas saíram da *Mário de Andrade*, sem se aposentar, e ninguém foi colocado no lugar. Voltou-se a ter um certo marasmo, falta de pessoal, falta de dinheiro...

DP: Você sabe precisar o ano?

RB: Foi nos anos Maluf e do Pitta, que deu a sequência. Foi o Secretário Konder tanto no governo do Maluf quanto no do Pitta. Não houve muita diferença nesses oito anos. A política foi a mesma, a falta de dinheiro foi a mesma.

Eu acho que os bibliotecários, alguns já estavam cansados de tentar fazer coisas e não conseguir, somando a coisa do próprio funcionário público, a própria instituição pública que já anda num passo mais devagar. Ela não tem a cobrança que tem a empresa privada que tem que dar lucro, tem que dar produção. Se você não fizer uma certa quantidade de coisas você pode ser demitido. Na empresa pública não existe muita cobrança, se você não fizer aquilo que se espera, quase que nada acontece. Não vejo isso como culpa de alguém necessariamente, é mais o contexto todo.

Como a gente já tinha feito uma reforma física muito grande entre 1991 e 1992, o prédio estava pronto para mais vinte anos. Portanto, não tinha nada o que fazer nessa área. Tinha livros, bibliotecários, público, prédio, então era fácil manter. E nós fomos uma instituição de conservação, eu sempre falo que sou um conservador, meio revolucionário, mas o meu trabalho é de conservador. Então eu nunca fui da linha de frente de agitar, de movimentar, de fazer acontecer. Eu sempre fui da área de preservação, de guardar, de pensar para os próximos quinhentos anos. Muitas pessoas às vezes chegam lá e dizem: “Você está guardando essas obras raras, por quê? Você não vai viver isso, você tem vinte, trinta anos de funcionário”. Mas eu falo: “Não, mais eu vou dar meus trinta anos para os próximos quinhentos, a minha parte eu faço e espero que depois venham outros cinquenta. Cada um dando dez anos já está bom”. Eu não posso sair de lá imaginando que a coisa vai acabar, vai ter que ter uma continuidade, uma sequência. Então o trabalho é muito de manter as coisas como ela são e isso vai contra a ideia de mudar, de renovar, de agitar.



Durante esses anos, por um lado teve esse marasmo, por falta de projetos. Por outro lado, eu, pessoalmente, tive grandes vantagens. Eu até brinco dizendo que o Maluf foi melhor para a seção de Raros do que outros, porque ele comprou coisas para Raros, coisas que mesmo durante o governo da Erundina e outros não tinham sido compradas.

DP: O que, por exemplo?

RB: O periódico *Diabo Coxo* que é o primeiro periódico brasileiro ilustrado feito em São Paulo em 1864, 1865, esse é o único exemplar existente, não existe outro. Foi comprado durante o governo Maluf.

Teve o fato de ele ter deixado eu ir para os Estados Unidos, foi no governo Maluf.

DP: Você fez um estágio de quanto tempo?

RB: Eu fiz quase um ano. Foram nove meses, mais um mês de férias...

DP: Em qual instituição?

RB: É até uma história engraçada. E é por isso que eu falo que eu sou muito feliz na *Mário de Andrade*, porque ela me deu muita sorte, várias coisas boas aconteceram comigo estando lá.

De tempos em tempos a pessoa responsável nos Estados Unidos pelos organismos internacionais americanos de cultura faz viagens visitando os locais. E quase sempre quando eles vinham aqui em São Paulo, eles visitavam a USP, o MASP¹³, algumas instituições conhecidas. Nesse ano, por acaso, resolveram visitar a *Mário de Andrade*. Ligaram para Lúcia que era a diretora e falaram: “Lúcia, estão indo aí três americanos com a diretora da biblioteca do consulado americano para você receber”. Ela falou: “Tudo bem, mas eu não falo inglês. Espera aí!” – “Bruno, você fala inglês, vai lá e recebe esse povo”. Recebi, falei meu inglês meio

¹³ Museu de Arte de São Paulo



arrevesado, e foi interessante. Eles foram muito simpáticos, gostaram muito do que eu falei e uma semana depois me ligaram: “Você quer ir para os Estados Unidos?”. Eu falei: “Quero, mas onde eu assino”. Responderam: “Não, não é bem assim. Você tem que passar por uma entrevista”. Mas explicaram que existe um programa nos Estados Unidos de levar a bibliotecários do mundo para lá.

Eles têm um programa inicial que era mandar bibliotecários dos Estados Unidos para vários países ensinando coisas. Eles achavam que isso era interessante, mas era local, só aquele local aprendia alguma coisa. E mandando um brasileiro, ou estrangeiro para lá, você tinha contato com várias informações dentro dos Estados Unidos e poderia repassar com melhor qualidade. Porque, inclusive, é mais fácil uma pessoa brasileira no Brasil repassar para os colegas, do que um americano que viesse aqui tentando ensinar. O americano não ia saber a língua, não ia saber se expressar e não ia ter muito tempo. O brasileiro fica um tempo fora, mas passa os outros vinte anos aqui então ele vai ter muito tempo para passar.

Então eu fui selecionado, foram dez bibliotecários de dez países: dois da América Latina, dois da Europa, dois da África e dois da Ásia. A gente foi para os Estados Unidos, Washington, depois Chicago. Em Chicago fica a sede da American Library Association, que é a associação de bibliotecários americanos que organizou essa visita. Depois cada um foi para uma cidade dos Estados Unidos, de San Francisco até Nova Iorque. Eu fiquei em Washington, na capital, dentro de uma biblioteca brasileira que tinha dentro da Universidade Católica. E foi muito interessante porque era do Oliveira Lima, que tinha sido embaixador brasileiro e ministro das relações exteriores, brigou... Aliás, ele não chegou a ser ministro, ele tinha uma disputa com o Barão de Rio Branco que era o ministro e ele acabou sendo expulso. Passou muito de sua vida fora do Brasil e, durante a primeira guerra, ele tentou vender para o Brasil a coleção dele, estava muito velho e ele tinha uma coleção grande, muito valiosa de obras raras sobre o Brasil. Ele era historiador, escrevia sobre o Brasil. Ninguém se interessou, acharam muito caro, então ele vendeu para os EUA, os Estados Unidos adoraram e transferiram a biblioteca que estava em Bruxelas para Washington. Ele foi convidado a ser professor de história internacional, política, diplomacia... Também ficou responsável pela biblioteca até morrer, acho que em 1928.



Eu estive lá em 1993. Tinha tido só dois curadores nesse período todo, a viúva dele ficou um tempinho depois que ele morreu, mais uns dez anos e um curador português Manoel Cardoso ficou quase cinquenta anos, chegou lá com uns vinte anos. Dentro da Universidade Católica, nesse centro de pesquisas de livros brasileiros, e quando eu fui tinha um novo curador que estava lá há alguns anos. E foi muito interessante porque eu trabalhei com obras raríssimas brasileiras que não tem na *Mário de Andrade* e algumas não tem nem na Biblioteca Nacional e, especialmente, com folhetos brasileiros e estrangeiros que eles tinham, que eles nem sabiam o que era. Na verdade tinha português e espanhol, para eles era a mesma coisa, então eu ajudei a selecionar.

Para mim foi muito interessante porque eu não tinha muita preocupação com preservação, apesar de eu ter entrado na Seção de Obras Raras, eu entrei para pesquisar, para conhecer, para ler, enfim, para saber o que era uma obra rara. Mas os livros já estavam lá desse jeito, não se fazia nada de preservação até porque ninguém sabia exatamente o que era isso. Existia um preservador, o Perci, mas ele morreu logo que eu entrei e ele brigava muito com a Regina. Dizem que ele queria ser o chefe de obras raras, porque, apesar de ele ser bibliotecário, ele trabalhava na seção de encadernação, que era chefiada por um não-bibliotecário e ele nunca teve cargo nenhum na *Mário de Andrade*. E Regina já estava ali há vinte anos. Então quando eu fiquei no lugar da Regina, houve uma certa coisa assim, mas logo depois ele morreu e a gente nunca teve muito contato. Enfim, mais eu nunca tinha aprendido nada sobre biblioteca, porque na faculdade também não se ensina, até hoje é muito pouco. Das que eu conheço, a Universidade Federal de Belo Horizonte tem um laboratório de restauro dentro da faculdade que ensina restauro.

Então, eu fui para lá e comecei a trabalhar e o pessoal de lá falava: “Não, mas você tem que fazer preservação”. Eu falei: “Mas como eu vou fazer?” – “Ah, estão aqui os catálogos de caixas especiais, o catálogo de materiais que você vai comprar, está aqui o dinheiro para comprar”. Tinha tudo, nos EUA você tem acesso à informação muito mais fácil. Aí eu comecei a comprar materiais e a aprender, eu fiz cursos de preservação, ia a palestras. Cheguei a conversar com pessoas famosas que eu comprei livros deles sobre preservação. Então eu tive muita sorte de ter contato com uma área que estava praticamente começando no Brasil. Dois anos



antes tinha-se criado a ABER, Associação Brasileira de Encadernação e Restauro. Quando eu voltei, eu me associei a ABER, comecei a fazer cursos dentro da ABER...

DP: Você sentiu uma diferença muito grande? Um impacto de trabalhar nos EUA e aqui, quer dizer esse hiato entre as formações, as especializações, a qualificação... era muito diferente?

RB: Primeiro que nos EUA não existe faculdade de biblioteconomia, existe curso de pós-graduação. Diferentemente daqui você não tem nenhum curso técnico de fazer fichinha, catalogação. Você estuda inglês, matemática, física, química e depois faz uma especialização para trabalhar na biblioteca daquela área. Então, os bibliotecários que tinha eram todos formados em outras áreas e todos tinham muito conhecimento do assunto, coisas que você não tem aqui no Brasil. Você não faz a faculdade de biblioteconomia com livro de química, você não vai aprender química na faculdade, você vai aprender no seu trabalho, na sua biblioteca.

Eu gostava de estudar, de aprender e tive tempo de ficar livro por livro e conversar bastante com a Regina. Eu entrei na Sala de Raros em 1989 e aí ela saiu em 1990, então eu fiquei alguns meses com ela e passei a ser chefe. Não estava esperando, não estava querendo, mas ela saiu, então eu passei a ser chefe. Aprendi muito enquanto pude, com ela, justamente porque eu não tinha um trabalho fixo para fazer, eu tinha tempo de me especializar, de ler. O pessoal achava que eu estava lá à toa, mas calhou de eu poder fazer aquilo naquele momento.

DP: E o atendimento era pífio?

RB: Era pequeno, como até hoje. Era atendido pela Norminha e pela Carminha, que não gostavam de catalogação, não gostavam de livros, não sabiam outras línguas. Eu já lia inglês, francês, italiano, alemão, eu sei um pouco de latim. Consigo me dar bem nessas áreas.

Eu comecei a desempacotar os livros. Tinha, e tem até hoje, pacotes e pacotes de doação para a *Mário de Andrade*. Então eu pegava uma tabela de livros



encaixotados com número de tombo e descrição: autor e título. Aí, eu olhando para aquilo, pegava um título estranho que eu não entendia em latim, abria o pacote e pegava o livro para ver o que era. Descobria raridades, aí eu ia pesquisar e ver que aquele livro era raríssimo e importante naquela área, comecei a ver as fontes... Então, assim, eu cataloguei uns trezentos volumes de obras raras que estavam guardadas desde muitos anos. E foi bom como teste também, como aprendizado.

Nos EUA o que eu vi de novidade foi a área de preservação que eu aprendi bastante. E coisas curiosas, por exemplo, o Oliveira Lima era embaixador e amigo do Machado de Assis. O Machado de Assis escreveu seu último livro, *Memorial de Aires*, que é uma história de um embaixador. Então ele escreve uma carta para o Oliveira que fala: “Meu velho amigo, nesse meu último livro já sinto que não tenho mais forças, elas estão se acabando...”. Uma carta original do Machado de Assis, original, dentro do livro do Oliveira Lima lá na biblioteca, escrito uns dois meses antes de ele morrer. E havia uma coisa assim, eu trabalhava lá só com os folhetos, uma outra bibliotecária foi contratada para trabalhar com os livros mais importantes...

DP: Folhetos eram os documentos avulsos?

RB: Folhetos, documentos pequenos. Em contrapartida, estava nos folhetos a Imprensa Régia do Brasil, toda. Centenas de documentos da Imprensa Régia de 1808, 1810 que é o início do Brasil. Nessa época, foi publicado, pela Ana Maria, a bibliografia da Imprensa Régia no Brasil, um trabalho que o Rubens Borba de Moraes tinha começado e a Ana Maria Camargo terminou. Eu consegui uma cópia e levei para os EUA. Dei de presente para eles e achei várias obras que tinha na biblioteca e não estavam no catálogo, porque eram desconhecidas, nem a Biblioteca Nacional tem. Então, eles que me tinham relegado o posto: “Ah, você fica com esses folhetins”. Eu achei essas coisas muito mais importantes do que outras da coleção. Em compensação, eles, na parte de livros, só davam importância para livros raros, antigos, do século XVI, XVII e XVIII. Século XIX já achavam comum, século XX então... E eu que mexia em tudo, eu fui lá peguei esse livro e falei: “Oh, esse aqui é Machado de Assis original, primeira edição, com essa carta e esse livro vale muito



mais que um do século XVI, XVII". Então assim, a questão da data, não é só isso que importa, não é? Em termos de documento. Eles ficavam meio assim... Mas foi bom porque eu aprendi muita coisa e pude aplicar na *Mário de Andrade*. Cheguei a dar cursos e palestras sobre o que eu fiz nos EUA. Cheguei a dar palestra na Bienal Internacional do Livro aqui em São Paulo, passei para as pessoas que trabalhavam comigo, escrevi textos também. A partir daí a gente começou a publicar a *Revista da Mário de Andrade*.

DP: Ela sempre teve essas intermitências?

RB: É. Eu era o revisor oficial da revista, então todos os números do cinquenta ao 58 eu fazia a revisão de todos os textos e escrevia sempre um artigo, uma bibliografia para a revista.

DP: Em termos de público, a Biblioteca estava se mantendo quando você voltou? Você sentiu uma diferença muito grande ou foram anos em que ela ficou nessa estagnação? Esse período, que é o período Maluf, Pitta.

RB: Talvez tenha tido uma queda não acentuada...

DP: Porque é curioso... Quando a Erundina entrou em 1989 tinha, como diz a Lúcia, filhas que davam volta no quarteirão. Você consegue identificar quando esse declínio mais violento acontece? Você identifica com os anos malufistas, ou não?

RB: Não nos anos malufistas, se isso aconteceu foi mais no governo da Marta. Não por causa dela, mais por questões econômicas e sociais. Uma vantagem do governo da Erundina e que se refletiu depois no governo Maluf e ajudou a diminuir a procura foi o aumento do número de bibliotecas ramais, aumentou muito o acervo das bibliotecas ramais.

DP: Isso foi quando, Bruno?



RB: A partir de 1990, 1991 até 1992. Então, quando o Maluf entrou, tinha várias bibliotecas à disposição, vários ônibus-biblioteca. As pessoas não precisavam mais sair do subúrbio para ir à *Mário de Andrade*, elas podiam ir às bibliotecas de bairro. Aumentou também uma certa necessidade das escolas de terem as suas próprias bibliotecas. A gente sempre costumava dizer que a biblioteca pública é a biblioteca escolar porque a biblioteca escolar não existe; e a biblioteca escolar passou a existir, bem ou mal ela passou a receber mais público, o público interno que deixou de ir às bibliotecas públicas para fazer pesquisa. Houve um movimento de integração entre BP¹⁴ e BIJ¹⁵ que sempre foram dois departamentos, e que, no governo da Marta, se juntaram, então, de certa forma, se somou o acervo dessas bibliotecas. Enfim, eu acho que foram vários acontecimentos, não só políticos, que levaram a isso, a um certo esvaziamento.

Por exemplo, em 1994 eu mandei uma mensagem de e-mail para a Claudia Balbi que era minha colega no curso de biblioteconomia e que passou a ser professora na USP e estava com uma tese de mestrado sobre hipertexto, a importância da internet, que era uma coisa supernova, na época só duas instituições no Brasil tinham Internet: a UNISINOS¹⁶ e a USP. Então eu mandei texto de internet para ela porque eu já usava internet nos EUA, usava **Gopher, Veronica...** Não era nem “www”, não existia isso, existia outras formas de pesquisa.

DP: Você já tinha morado fora, ou não?

RB: Não, foi a primeira vez. Mas eu trouxe vários livros sobre internet, inclusive eu emprestei para ela.

DP: E aquilo devia causar um certo...

RB: É, aqui no Brasil demorou muitos anos para internet comercial estar desenvolvida. Isto foi uma outra influência forte. As pessoas começaram a usar mais internet e precisar menos da biblioteca. Claro que em parcelas mais pobres da

¹⁴ Biblioteca Pública

¹⁵ Biblioteca Infante-Juvenil

¹⁶ Universidade do Vale do Rio dos Sinos



população a biblioteca, o livro em papel era mais necessário. Mas, hoje em dia, eu não sei como vai ser a *Mário de Andrade* quando a gente reabrir. O aumento de internet e o aumento de computadores nas casas foi muito grande. Houve vários programas federais de barateamento do computador e da própria internet, então muito mais gente tem acesso a isso. Foram criados centenas de telecentros, então hoje as pessoas tem acesso, se não em casa, nos telecentros, para fazer pesquisa. Inclusive, vários são ligados à biblioteca, eu acho que é uma das saídas da *Mário*. Uma coisa que já tinha antes de fechar era uma sala de informática e pode voltar a ter alguma coisa desse tipo, um telecentro, mas que não é exatamente o uso da biblioteca, o dos livros em papel.

DP: Bruno, em relação às obras raras, tem um público que se mantém fiel? É um público pequeno, muito selecionado e eu queria que você falasse um pouco do perfil desse pesquisador. Você vivenciou, ao longo desses vinte anos, uma experiência de mudança desse pesquisador?

RB: Não vejo uma mudança, o que eu acho é que a tendência, que é comum nos EUA e na Europa, é esses acervos particulares, privados, menores irem se aglutinando em acervos maiores e acabarem em bibliotecas públicas ou universitárias. Dificilmente uma pessoa vai poder manter uma biblioteca particular em casa ou uma instituição pequena vai ter dinheiro para manter uma biblioteca de obras raras, que em geral são caras, exigem manutenção cara, segurança, preservação... Vários aspectos ligados a esse universo. Nos EUA são as grandes bibliotecas de pesquisas, universitárias, ou públicas que tem esse acervo. Aqui no Brasil a gente está vendo o Mindlin, que é um grande colecionador particular, doando mais da metade da biblioteca dele para a USP. O próprio IEB e a UNICAMP são grandes depósitos de fundos particulares: Guimarães Rosa, Sergio Buarque de Holanda e vários pesquisadores que tinham grandes coleções que acabam migrando para esses institutos.

Quanto ao pesquisador, ele é esse pesquisador da universidade. Pesquisador do nível de graduação ou pós-graduação basicamente. Tem o pesquisador que é a pessoa comum, digamos assim, que vai ver uma obra mais pelo interesse pessoal,



na área de genealogia, por exemplo. Isso é muito comum nos EUA e aqui as pessoas não vêem muito com bons olhos, mas eu acho que é uma área interessante que a gente tem que atender também. São pessoas que vão buscar informações sobre a família, sobre os antepassados, sobre o local onde nasceu...

A seção de obras raras é onde acabam os livros mais antigos e de tempos em tempos as bibliotecas vão repassando os livros que vão ficando antigos para essas seções, então esse tipo de procura vai continuar. As pessoas têm interesse em saber do passado, o pesquisador universitário de graduação ou pós-graduação que está fazendo a pesquisa da tese ou do trabalho específico, o pesquisador profissional que está escrevendo um livro, o jornalista, o historiador... Esses também vão continuar a existir e a procura vai ser mais ou menos a mesma. Eu imagino que quando a gente puder colocar o acervo nosso na internet, pelo menos um catálogo, a procura deve aumentar, porque mais gente vai saber que a gente tem aquele livro. Hoje em dia as pessoas tem que se deslocar até o prédio só para saber se a gente tem ou não. Muita gente ou não tem o dinheiro, ou tempo, ou disposição para fazer isso. A gente recebe muito chamado telefônico e por e-mail...

DP: E o atendimento de raros sempre se manteve funcionando dentro do mesmo padrão?

RB: Creio que sim.

DP: Com hora marcada... Porque pressupõem um tratamento muito personalizado. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

RB: Não é bem atendimento com hora marcada, pelo menos não hoje. Teve isso na *Mário de Andrade* durante um pequeno tempo quando eu estava fora, mas por falta de pessoal, não que isso tenha sido uma estratégia. Isso é comum em outras bibliotecas e não estaria errado de ser assim. Por exemplo, livraria, é muito comum você ir à hora que você quiser, de oito da manhã as dez da noite, algumas em Shopping, às vezes, funcionam até mais tarde... Eles estão lá para te receber, você chega a hora que você quiser e compra o livro que quiser. Livrarias de obras raras



em geral são fechadas e só atendem com hora marcada, porque tem a questão da segurança, o livro lá é mais caro, mais valioso. A pessoa que está indo lá sabe que o livro é mais caro então o custo da manutenção daquilo é mais caro e até para selecionar o público muitos livreiros só atendem com hora marcada e muitas vezes querem saber antes quem é a pessoa, para deixar entrar. Isso é comum nos EUA você ter bibliotecas que atendem com hora marcada, você ter que agendar e dizer o que você quer fazer e também é comum você atender no horário comum da biblioteca. Em geral a seção de obras raras trabalha num horário menor e mais concentrado durante a semana, dificilmente você vai ter uma funcionando a noite e quase nunca no fim de semana. Mesmo a Biblioteca ficando aberta aos sábado e domingo, a seção de obras raras não funciona nesses horários. Até porque ela não é uma Biblioteca para o público em geral, aberta ao público como um local de entretenimento que você vai passar horas e ler um romance ou alguma coisa assim. É um local de pesquisa que se for usado durante o horário comercial durante a semana não vai afetar o trabalho das pessoas que precisam dela.

DP: Bruno quais são os atributos que você considera imprescindíveis para quem trabalha com obras raras.

RB: Paciência, que eu não tenho pelo menos é o que dizem.

DP: No atendimento.

RB: No atendimento. Eu tenho paciência com o livro. Mas paciência... Eu acho que é mais calma. Não ser estabonado, agitado. Não perder o foco, você tem que estar concentrado naquilo que você está fazendo. Por exemplo, no caso do atendimento, você tem que saber extrair da pessoa o que realmente a pessoa quer e para que ele quer aquilo.

Muitas vezes iam estudantes de segundo grau na *Mário* pedindo xerox de Os Lusíadas porque o professor tinha pedido a primeira estrofe e ele tinha que tirar xerox e, como Os Lusíadas é um livro de 1572 vamos lá em obras raras. E não é por aí, você tem que explicar que existem novas edições, que o texto é o mesmo, um é



em português arcaico e o outro é mais atualizado, mas que ele pode tirar xerox de um exemplar que está na coleção geral.

Mas mesmo a pessoa que quer aquilo que ela já sabe que quer, muitas vezes ela não sabe onde está. Você não pode fazer o trabalho de pesquisa para ela, então assim: “Ah eu quero uma foto do governador tal, ou de alguém...” Eu posso indicar livros que talvez tenham aquilo que a pessoa está pedindo. Ou ajudar de outras formas, ela não sabe francês e tem o livro que ela quer ler, mas o livro está em francês, eu posso dar um dicionário, eu posso ajudar, mas se eu souber que existe uma tradução, para ela vai ser muito melhor. Então a gente lá trabalha muito em cima de informações de outros acervos, não só do que a gente tem no nosso acervo, porque como livros antigos costumam ser reeditados e traduzidos, a gente não tem a nova edição, a tradução, mas a gente sabe que tem, e pode indicar para a pessoa. Então o trabalho de atendimento necessita muito desse conhecimento: o que a pessoa quer, o porquê que quer. Às vezes, ela quer o original porque ela precisa do original, ela precisa confrontar o original, a primeira com a segunda edição para ver se houve mudanças do texto e tal.

DP: E passado vinte anos que você tem essa relação visceral com o acervo, o que você considera o grande diferencial da *Mário*? O que é o seu xodó dentro do acervo? E a pergunta inversa, o que você acha que falta, que teria que estar nessa coleção dada sua relevância e o destaque que ela tem, mas que ainda não dispomos?

RB: Muita coisa... A *Mário de Andrade* é muito forte em livros de viajantes, em literatura brasileira, portuguesa e também francesa porque a maioria das coleções que fazem parte hoje da seção de obras raras, foi criada no início do século passado quando a influência francesa no Brasil era muito maior do que a americana. Então a gente tem clássicos franceses, portugueses, alguma coisa italiana, não muito de americano. A gente tem, por exemplo, Shakespeare, mas não primeiras edições ou edições raras. Mesmo para outras línguas: Russo, alemão a gente tem muito pouco. A gente tem algumas coisas importantes em latim, dado o fato de que no início do livro a maioria era escrito em latim. Tem bons exemplos da produção do livro, por



exemplo, incunáveis, que são livros publicados antes de 1500. Nós temos nove exemplares. Nós temos centenas de livros publicados entre 1500-1700 e alguma coisa publicada no início da imprensa no Brasil. A Biblioteca Nacional tem muito mais, não seria o caso de a gente estar disputando com ela.

Dizer o que está faltando é complicado. Obviamente falta muita coisa, mas a questão é saber: É nossa obrigação ter? Até que ponto a gente deveria estar investindo dinheiro público da prefeitura na compra de um exemplar que, às vezes, custa dez mil reais, vinte mil reais. Com esse dinheiro você compra cem livros, mil livros para uma biblioteca de bairro.

DP: Vou recolocar a pergunta. Como leitor voraz que você sempre foi, e continua sendo, o que você olha e diz esse é o meu xodó? Não como bibliotecário, mas como leitor. E o que você gostaria que tivesse no acervo da *Mário* e que não está?

RB: Eu gosto muito dos livros de viajante e nesse caso eu acho que a coleção é bastante representativa porque a gente tem as primeiras edições da maioria dos viajantes que estiveram no Brasil desde 1550. Não só nos originais, mas também em traduções, em várias edições e não só os mais importantes como os menos importantes porque é uma coisa necessária.

Eu lembro muito de um amigo que falava que você saber avaliar bem uma coleção, ou para você distinguir o que é bom você tem que ter também o que é ruim. Você tem que ter o mediano até o medíocre, porque você nunca vai saber se isso aqui é melhor do que aquilo se você não tiver aquilo e só tiver isso. Então a gente não tem só a jóia da coroa. A gente tem uma coleção muito grande em que vários aspectos obscuros, pouco claros aparecem. Eu não iria selecionar um livro até porque tem um detalhe meio grave assim, que eu sempre fico meio traumatizado, que é o fato de a gente ter sofrido um roubo em que foram levadas várias obras importantes, não muitas, mas várias importantes. Por exemplo, um livro que é impresso em pergaminho de 1501. É um livro único que a gente só tinha esse exemplar, se a gente tivesse vários, há tudo bem tem um outro parecido, mas não, esse era um caso único. A gente perdeu também um livro de um impressor suíço no Brasil que eram doze gravuras impressas em litogravura mais aquarelado a mão,

pintados a mão que também é uma coisa única. Isso não tem preço, não tem valor, quer dizer, pode ter um valor de mercado, uma coisa valiosa enquanto documento, enquanto história. História da *Mário de Andrade* porque esse livro fazia parte do acervo e não está mais lá. Eu poderia querer esses livros que nós já tivemos e não está mais lá e outros que nos nunca tivemos tipo *A Moreninha*, romances brasileiros, *Iracema*... As primeiras edições que nós não temos. Muitos livros da impressão régia do Brasil que nós não temos. E nós não temos a Bíblia de Gutenberg e seria muito bom ter, mas agora já tem uns quarenta exemplares espalhados pelo mundo, então não faz tanta falta. Eu acho que seria importante para gente, eu mesmo enquanto profissional lá dentro e que só agora estou tomando pé da situação, conhecendo mais, mas seria importante a gente ter uma bibliografia de São Paulo, por exemplo, já que a gente é uma Biblioteca Municipal da cidade de São Paulo. Seria importante ter tudo o que foi publicado sobre São Paulo desde o início da imprensa que foi em 1836, só que a gente não tem, talvez o que falte é uma coleção maior. A gente tem muita coisa sobre São Paulo, até porque a biblioteca que existia do Estado de São Paulo foi incorporada a Biblioteca Municipal então nosso acervo é interessante nessa área, mas eu acho que poderia ter mais.

DP: E com relação aos outros suportes informacionais, você tem outros documentos raros ou são necessariamente os livros? Eu queria que você falasse um pouquinho sobre as coleções que você acha que são fortes. Periódicos, cartas, mapas.

RB: Então, há uma discussão aí no seguinte sentido. Existem três grandes instituições de guarda que é museu, arquivo e biblioteca. Cada uma delas se complementa. Museu em geral guarda objetos ou peças artísticas, tanto quadros como esculturas, mas também Guarda Realia que a gente fala que é um objeto em três dimensões. Tem os museus de história natural, de ciências arte, história... Arquivo guarda material escrito original, em geral, manuscrito ou impresso, mas que seja de informação primária. São todas as atas, todos os tipos de documentos escritos e jornais que também são reconhecidos como fontes primárias de informação. A biblioteca guardaria livros basicamente. Só que ela também poderia guardar documentos, jornais, obras de arte, principalmente se forem obras de arte



impressas ou feitas de papel, já que o suporte do livro é o papel. Ela guarda também fotografias que seriam mais afeito ao arquivo, já que é um documento original. Então a biblioteca acaba guardando esses outros documentos.

Quando a gente fala de obra rara, a obra rara é o livro raro, ou o periódico raro. É o livro, a revista, o jornal. Para fotografia não tem fotografia rara, tem a fotografia mais comum ou menos comum, mas cada fotografia é única, original. Você pode fazer várias cópias, mas o livro também você pode fazer várias cópias então a questão não é quantas cópias existem. Um documento manuscrito ele é único original, você pode copiar outro a mão, tirar xerox, digitalizar, então o manuscrito também não é raro, ele é original. Então, com exceção de obras raras nos temos muitos documentos que não são obras raras, tanto que a gente fala que a seção chama seção de obras raras e especiais. Ai entra os mapas, os manuscritos, as fotografias, as medalhas, as moedas, os selos, os cartões postais e vários outros.

Nós temos um pouco de cada, mas esse não é o forte da Biblioteca. Ele existe um pouco porque muito desses materiais vieram de colecionadores que colecionavam não só livros, mas esses materiais e também porque fazia parte da instituição, foram doações recebidas de pessoas. Por exemplo, nós temos uma caixa grande de um metro por meio metro de cartas manuscritas japonesas mandadas de diversas cidades do Japão para o prefeito Jânio Quadros na época do Quarto centenário da cidade. É um documento único, só existe aquele e é manuscrito de várias... É um livro japonês, sanfona que você vai virando que é muito legal. Poderia estar no Arquivo da cidade, está na Biblioteca porque foi considerado um livro. Nós temos fotografias originais do Militão que o arquivo também tem. Temos diversos manuscritos que poderiam estar no arquivo. Nós temos objetos que poderiam estar em museus, temos bustos, quadros... Mas tudo isso faz parte da história da instituição.

DP: Você citou a experiência traumática dos furtos em 2006. A gente que estava um pouco mais distante, mas o pessoal do departamento ficou muito traumatizado, foi uma experiência muito forte mesmo de você estar trabalhando pela reconstrução da instituição e ao mesmo tempo você vê que ela está sendo dilapidada por baixo. Eu queria que você falasse como foi para você. Foi muito forte para nós que estávamos

envolvidos com esse processo de requalificação da Biblioteca. Do teu ponto de vista de bibliotecário, de uma pessoa que tem esse vínculo muito atávico com a instituição, com a coleção, como você se sentiu?

RB: É eu acho que foi uma violência o que eu senti. Eu, por bem ou por mal, me espelho muito na *Mário*. Eu acho que gosto muito da *Mário*, muito do que está lá é parte minha e muito do que eu tenho, eu dei para a *Mário* também. Então assim, quando acontece uma coisa dessas é quase uma coisa pessoal, passa além do profissional. Por outro lado eu fiquei muito chateado de ver que isso pode ter sido resultado de ações organizacionais de dentro da Biblioteca. Isso deixa mais triste, porque se fosse um acidente, caiu um rio e pegou fogo, teve uma inundação e levou os livros, as vezes, você fala: “Ah, foi Deus”. Ou qualquer coisa assim, no máximo a pessoa que foi irresponsável de não ter protegido diretamente aquela sala.

A gente não tem certeza exatamente como o fato se deu, pelo menos quanto tempo. A impressão que se tem é que foi durante vários meses e ficou sempre uma dúvida em até que ponto a gente poderia ter feito alguma coisa ou se a falha foi nossa ou minha não ter checado mais constantemente o que estava acontecendo. E como isso aconteceu logo depois de uma discordância minha com a direção da *Mário de Andrade* na época. Ficou tudo meio chato, nebuloso, desagradável e isso tudo somou.

Uma das coisas que tinha acontecido e ai voltando um pouco atrás. Eu fui aos EUA a primeira vez em 93 para 94 e aprendi bastante a coisa de preservação, catalogação e comecei aplicar isso quando voltei para *Mário de Andrade*. Em 98 fiz um projeto para a FAPESP para a compra de material de preservação e contratação de duas conservadoras de papel para fazer preservação e várias outras coisas. A gente comprou quatro computadores com impressora para a Biblioteca, compramos quatro armários deslizantes para várias áreas, compramos mesas e cadeiras para sala da ONU, enfim compramos diversas coisas, principalmente na área de preservação e contratamos duas conservadoras sendo que uma delas acabou indo para os EUA e hoje ela trabalha na biblioteca do congresso dos EUA, a outra é a Norma Casares que acabou sendo a presidente da ABER. Mais ou menos nessa



época eu passei a dar aula de história do livro na ABER pelo conhecimento que eu já tinha. Então vários trabalhos foram feitos nessa área de 98 até 2002.

Em 2003 eu fui chamado novamente para ir para os EUA para fazer um novo curso e aprender coisas na área de preservação. Como eu tinha dito antes que eu sou muito sortudo, a *Mário* me dá sorte. Da primeira vez eu tinha chegado lá e perguntaram: “você quer ir”. Eu falei: “Eu quero”. Fizeram a entrevista e me mandaram, pagaram passagem, estadia. Dessa vez também foi meio parecido. Eles estavam, desde alguns anos, fazendo projetos de receber pessoas da América Latina sendo que a pessoa responsável tinha estado na *Mário de Andrade* em 99 ou 2000 durante um curso da ABER em que ele venho para o Brasil dar palestras sobre preservação no Memorial da América Latina para 200 pessoas, mas ele falou: “Só tem sentido fazer isso para um grupo pequeno de pessoas, eu posso dar a palestra para todo mundo, mas aí eu só vou ficar falando, eu quero trabalhar na prática também”. Aí, o local escolhido foi a *Mário de Andrade*. Fez um grupo de dez pessoas: a Priscila que era minha funcionária e virou vice-presidente da ABER, a Ivani que é bibliotecária do MASP, a bibliotecária do Mindlin, eu, a Guli chefe de laboratório da ABER... Eram umas dez pessoas.

Essas pessoas estudaram a *Mário de Andrade*, os problemas que a Biblioteca apresentava em várias áreas. Apresentamos algumas soluções, o Zé Eduardo era o diretor e algumas coisas ele tentou fazer, mas não tinha dinheiro e a coisa meio que morreu. A gente fez um manual de preservação de obras raras...

DP: Esse diagnóstico está em algum lugar?

RB: Ele perdeu um pouco o sentido porque já passou quase dez anos, até fisicamente algumas coisas mudaram na *Mário*, mas ele está com a gente. A gente escreveu um manual que não chegou a ser revisto, mas existe. Várias coisas nessa área estavam sendo feitas quando venho o governo da Marta e eu fui chamado para ser o diretor da *Mário*.

DP: E como é que foi esse convite? Como foi o impacto desse convite?



RB: Bem, o impacto foi assim traumatizante. Foi no dia 11 de setembro de 2001 quando estava caindo a torre eu estava tomando posse. Mas ao mesmo tempo foi interessante porque era um novo governo do PT, com uma nova atitude de “vamos mexer na casa, vamos fazer acontecer”. Estávamos vindo de dois governos que estavam meio parados. As pessoas estavam interessadas em mostrar serviço de novo. Em 2002 houve mudanças políticas que eu não entendi bem o porquê e trocaram o secretário, aliás, eu saí um pouco antes, mas pouco depois trocaram o secretário de cultura. Para a *Mário de Andrade* houve uma mudança que acabou acontecendo em todas as secretarias e diretorias. O governo da Marta dizia que o diretor não precisava ser funcionário de carreira, poderia ser uma pessoa de fora, tanto que ela colocou como diretora das bibliotecas uma bibliotecária da USP e ela me escolheu como bibliotecário da *Mário*, como diretor da *Mário*. Eu fiquei nove meses e si porque uma bibliotecária da Usp que era amiga dela acabou sendo escolhida, tinha acabado de passar no concurso, era nova e entrou.

A cima dela foi colocado um diretor geral. Um cargo que não existia, mas que durante o governo, pelo menos do primeiro secretário, nem era efetivamente diretor, não tinha esse cargo. Ele era assessor do secretário e nem foi muito presente. O Castilho era o presidente das associações, das editoras latino americanas universitárias, era presidente da editora da UNESP, trabalhava com várias áreas de livro e ia muito pouco na *Mário de Andrade*.

Eu acho que foi uma escolha errônea. Eu não concordava com a diretora, briguei muito com ela. Acho que ela tomava atitudes que não fizeram bem para a *Mário de Andrade*, a gente entrava em rota de colisão.

DP: Tipo o quê? Qual era a orientação dela?

RB: Primeiro assim, eu sempre fui meio teimoso, não vou nem dizer que a culpa era dela, às vezes, fosse minha.

No governo anterior, do Pitta, o Zé Eduardo era o diretor e eu deixei o cargo de chefe de obras raras porque eu não concordava com ele. Eu falei: “Você é o diretor e esse cargo é de confiança. Só que eu não tenho confiança em você, então



eu não sei como você pode ter confiança em mim”. Coisa que não é muito comum em cargo público, alguém entregar o cargo, mas eu entreguei.

Nessa época o cargo me foi tirado para ser colocado essa outra pessoa. Eu passei a não ter cargo nenhum, de chefe de nada. As atitudes dela não eram corretas, eu não vou lembrar agora uma coisa específica, mas as coisas não combinaram.

Por sorte ou azar, eu fui chamado novamente para fazer esse curso nos EUA na área de preservação em 2003. Fui e fiquei um ano de 2003 para 2004.

DP: Você ficou em Washington também?

RB: Eu fiquei em Los Angeles numa cidade chamada Pasadena, que fica pertinho de Los Angeles, numa biblioteca de obras raras. Foi muito interessante, eu trabalhei no laboratório restaurando livros, encadernando. Estava numa área que não era a minha, embora tivesse aprendido muito, porque eu já tinha feito curso na ABER de encadernação de vários tipos e para conhecer a estrutura do livro e tudo, eu sabia que não iria trabalhar nisso, mas sabia que precisava saber disso para poder tratar com as pessoas que iriam fazer a apresentação e notei que nos EUA isso é muito comum. Lá o curador de obras raras é o responsável por assinar o laudo técnico do conservador, ele descreve tudo o que vai fazer e o curador analisa, vê se é isso mesmo. Obviamente ele tem que ter conhecimento para fazer isso. Então foi muito bom fazer isso.

DP: Você sentiu uma diferença muito grande? Foi um intervalo de dez anos de uma experiência a outra.

RB: Essa foi muito mais presente. A outra eu fui muito como primeira vez, aprendendo e meio que sendo desconsiderado. A segunda não, eu já estava num outro nível, já tinha uma bagagem muito maior. A minha presença lá foi melhor e tive outras vantagens, fiz outros cursos aproveitando o momento em que estive lá. Foi bom.

Em contrapartida não foi bom para a *Mário de Andrade*.



DP: Quem ficou aqui?

RB: Ninguém. E aí o que aconteceu? Tinham quatro bibliotecários: eu, a Rita que hoje é diretora, a Joana que hoje é do microfilme e a Marilza que trabalhava com a gente. E a Mercedes...Eu sempre esqueço o nome dela, não é a toa. A Rita foi trabalhar no microfilme depois saiu, a Joana foi também, a Mercedes ficou como chefe... Aliás, eu acho que a Mercedes já era chefe. Como ela se dava bem com a diretora, a coisa era meio confusa. Eu tinha colocado a **Nadine** como chefe quando eu era diretor, mas ela teve problemas de saúde e foi afastada. Então a Rita ficou como chefe durante a época que eu era diretor. A Rita devia ter continuado, mas quando ela entrou, ela tirou a Rita e manteve a **Nadine** e deu várias brigas. Eu sei que a Mercedes ficou como chefe.

Na semana que eu saí para os EUA, a Mercedes fez uma operação para perda de peso e ficou muito tempo afastado por problemas médicos e pessoais. Ela tirava férias, tirava licença e sem as outras duas ficou apenas a Mercedes e a Marilza. A Marilza ficava tomando conta sozinha da Biblioteca. Eu acho que ela foi uma heroína porque conseguiu dar conta de uma seção de obras raras que é uma seção importantíssima, a ponto de se estabelecer à questão do agendamento. Era impossível você receber alguém na Biblioteca naquele estado, assim, receber de portas abertas.

Eu não sei se foi nesse período que os roubos começaram, por falta de controle. Um outro fato que aconteceu um pouquinho antes e a direção tem ligação direta com isso é que foi apresentado um estagiário, o senhor Ricardo. Eu olhei para ele e falei: "Não aqui ele não vai trabalhar". A Mercedes que apresentou e falou: "Vai eu sou a chefe e quero que ele trabalhe". Com dois minutos que eu conversei com ele, ele falou que adorava obras raras e queria muito trabalhar lá. Eu falei: "Não, você tem um problema sério e não vai". Ele disse: "Mas como assim, eu falei que adoro, que eu gosto". Eu falei: "Pois é, gosta de mais, você tem que gostar menos. Você está demonstrando muito amor, uma coisa excessiva. Não serve". Na cara dele, em cinco minutos e falei para Mercedes: "Aqui ele não trabalha". Ela disse: "Mais quem manda sou eu, eu sou a chefe". Então eu falei: "Bom, então você



escolhe entre ele ou eu. Eu sou bibliotecário e ele é estagiário. Eu não tenho confiança nele, ele não demonstra confiança”. Falei isso na cara dele. Bom ele foi preso meses depois tendo roubado a Biblioteca Nacional, nisso eu estava nos EUA e quando eu leio lá pela internet, o cara foi preso.

Bom, então quando esse Ricardo foi me apresentado eu já não fui com a cara dele de cara e vi que ele não servia para ser estagiário dentro da seção de obras raras. Era uma questão de segurança, uma questão séria de quebra de confiança, porque assim, as pessoas que trabalham em raros não tem que só que ser bons profissionais, tem que ser pessoas nas quais quem está lá tomando conta confie porque você vai dar a chave da guarda das obras mais raras, mais importantes. Na hora que ele falou: “Ah, quero muito trabalhar aqui”. Aquilo já me deu uma luz vermelha piscando e ai eu falei: “Não, você está querendo de mais e não é bom”. Ficou uma situação desagradável porque a diretora da biblioteca era professora dele, ele era estagiário na Biblioteca ia ficar um ano lá e eu estava indo para os EUA.

O que aconteceu foi isso, a Mercedes passou por uma operação, ficou muito tempo afastada, me disseram que ele ia muito conversar com ela, porque ele ficou gostando muito dela então ele frequentava muito lá. O fato é que ele foi preso por ter roubado outras bibliotecas, a Biblioteca Nacional e depois se descobriu que ele esteve em vários lugares do Brasil inteiro, não só São Paulo, Rio e Minas Gerais. Ele tem um comparsa que é o Laércio que também foi preso, eles vendiam livros usados numa banquinha de livros lá na praça Benedito Calixto e ele ficou muito amigo do Camilo que era nosso funcionário de preservação que frequentava raros. Ele ia visitar, mas como ele não podia entrar como Ricardo ele dava outro nome. Foram histórias que eu ouvi falar depois que eu voltei dos Eua, mas o que me parece é que justamente nesse período que eu estive fora houve um relaxamento da segurança da seção e que eu não pude retomar porque na semana que eu cheguei dos EUA e a Mercedes que era chefe e tinha dado muitos problemas, e ai eu até concordo com a diretora, a Mercedes passou dos limites, ela faltava sem avisar, ela tirava férias sem ter autoridade para isso, faltava uma semana e falava: “Estou em férias”. Deixando a Marilza sozinha para tomar conta, sendo que a Marilza nem é bibliotecária, então se ela não tem responsabilidade organizacional de tomar conta,

mas foi obrigada a tomar atitudes lá dentro sem apoio da diretora. Ficou uma situação muito desagradável.

Na semana que eu cheguei a diretora colocou outra pessoa no lugar da Mercedes, sendo que a Mercedes estava de fato de férias e ela simplesmente exonerou a Mercedes, coisa que ela não pode fazer porque se é para exonerar o funcionário, ela teria que retornar de férias e exonerar, mas não durante as férias ela foi exonerada, não teve nem a civilidade de ligar para a pessoa e dizer: “Olha não precisa voltar não que você está de férias e não é mais a chefe”. Não ela ficou sabendo pela Sueli ou alguém que ligou para ela falando: “Olha, aconteceu isso e isso”. Tanto que de fato ela nunca mais voltou se quer para devolver as chaves de obras raras que estavam com ela que foi também uma coisa do outro mundo. Então assim, eu não gostei das atitudes da diretora, não gostei das atitudes da chefe, não gostei das atitudes da nova chefe que chegou, a Inês. Ela não gostou de mim porque ela gostava muito da diretora, a gente não se entendia. Ela não fez nada, primeiro, para tomar as chaves da Mercedes, que são chaves da seção de obras raras, então elas ficaram por ai até meses para a Mercedes devolver. A Inês, que era chefe de duas seções tanto de raros como de extensão cultural, nunca foi em raros, jamais frequentou. Ela só assinava no final do mês a lista de presentes dos funcionários e como a gente já tinha agendado antes de eu ter saído para os EUA um projeto de digitalização de obras. Era para ser feito e eu estava comandando então toquei o barco, mas como o pessoal vinha do Rio de Janeiro para fazer isso, ela me pediu para dar a chave de onde ia ser feita a digitalização para que o pessoal trabalhasse. Eu falei: “Não, não vou dar a chave. Eles vêm aqui e eu abro a porta, funciona assim com todo mundo”. Ela respondeu: “Não, eu estou mandando”. Eu falei: “Você não vai fazer isso porque você está fazendo algo que é contrário ao estatuto do servidor público, você não pode entregar a sala de uma instituição para uma pessoa de fora, do Rio de Janeiro, não tem sentido não só pela questão de segurança”. Deu o maior bafafá, ela fez um processo administrativo conta mim, eu tive que responder. Então assim, aquilo me encheu o saco a ponto de eu querer sair da Biblioteca. Claro que a gota d’água foi um processo que existia, hoje não tem mais, de avaliação periódica de funcionário, as pessoas davam nota entre os funcionários, colegas, chefes... Eu fui o pior avaliado da Biblioteca, não só naquele



momento, mas em todas as anteriores. Eu acho que eu não mereço isso, não que eu seja um bom funcionário, mas eu não sou um péssimo funcionário. E eles não tinham nenhuma justificativa então eu simplesmente parei de conversar com eles, tanto com a diretora quanto com essa chefe. Isso prejudicou ainda mais a seção, em questão de segurança porque a gente não se conversava e não pode haver esse tipo de coisa.

A culpa de quem roubou, quem não roubou porque, a final de contas, ficou provado que esse estagiário, junto com o Camilo eram comparsas e estavam de alguma forma associados ao roubo. Até que ponto as minhas atitudes também contribuíram para isso eu fiquei sem saber. Mas de certa forma eu acho que a direção contribuiu mais ainda para um clima de inimizade, de falta de acordo. Antes de tudo a gente é profissional, a gente não pode tratar as pessoas mal porque não gosta ou então coloca a disposição. Na verdade ela chegou a me colocar a disposição, me tirar da biblioteca, mas eu não sei porque foi ano de eleição e durante os anos de eleição o funcionário público não pode ser removido porque pode ser perseguição política.

DP: Isso foi em 2002?

RB: Isso foi em 2004. Final do período da Marta para início do José Serra. Eu voltei em julho de 2004, em outubro a situação estava péssima, mas como foi eleição eu não podia sair nem antes nem depois. Depois quem saiu foi ela.

Foi uma situação muito desagradável, teve brigas pessoais com ela. E é por isso que muita gente fala que eu sou muito chato, muito teimoso, muito encrenheiro. O que eu não sei se é verdade. Eu sou muito persistente, não acho que seja teimosia, eu sou obstinado. Aquilo que eu acho que é certo, eu vou fazer, ao menos que alguém consiga me provar que eu estou errado. Como até agora ninguém chegou e falou que eu estou errado nisso e nisso... Eu converso com muitas pessoas e acato muitas coisas, eu não sou intransigente, eu já mudei muitas coisas. A Marli que era diretora costumava dizer isso: "O pior de tudo é que você está sempre certo, depois que a gente briga, discute, é a sua opinião que está valendo". Mas assim, não é a toa, não é porque eu sou briguento, ou porque eu



ganho pelo cansaço. É porque eu tento fazer o que é melhor, tento fazer o que é mais justo, tento fazer o que é mais correto, então para dizer que eu estou errado tem que provar que não é assim e que é outra coisa. Eu já tive muita experiência fora, leio muito, então a gente trabalha lá mais ou menos com o mesmo padrão dos outros países, não é alguma coisa que eu tirei da minha cabeça.

Enfim, depois do roubo, houve mudanças drásticas. Foi colocado um novo sistema de segurança com mais guarda, com mais controle. A partir daí as coisas se acalmaram.

DP: Nos últimos três anos. Mas o que você achou da atitude do Luis Francisco de dar visibilidade...

RB: Eu acho que ele foi muito presente. Acho que o Castilho que foi diretor anterior não teve oportunidade talvez de fazer muitas coisas, também não aconteceram muitas coisas. O Luiz Francisco estava interessado em modificar, teve a questão da reforma que desde o Governo da Marta já estava se colocando para fazer uma reforma física no prédio. O projeto nunca se equacionou direito, tanto que já existia o dinheiro, mas o projeto era muito mirabolante, muito falho em algumas coisas e o Luiz conseguiu, de fato, agir politicamente para colocara s coisas no trilho e em relação a isso ele foi muito correto e dinâmico. Pelo fato de também trabalhar na Folha e ter acesso a maiôs de informação, ele soube dar a devida dimensão ao fato, a importância e soube repercutir isso muito bem. A gente viu o fato acontecer em outras instituições e muitas vezes, até de forma aceitável, se calarem: “Ah não é culpa nossa. Nós fomos falhos aqui ou ali, então se a gente por para fora e expor nossas falhas, vai ficar pior ainda. Não só a perda que a gente teve, mas também o constrangimento”. Com ele na teve isso, ele falou: “Erramos, houve um erra de falta de segurança, de falta de manutenção do próprio equipamento, falta de prevenção”. Porque assim, não é admissível que um estagiário tenha uma chave ou um acesso a uma sala trancada, então alguma falha houve. Ao mesmo tempo, fazendo a devida divulgação do fato, isso repercutiu muito bem, muitas pessoas que compraram os livros... Porque esse senhor Ricardo colocou os livros em leilão e foram vendidos e a gente acabou recuperando até pela listagem do próprio leilão que a gente foi atrás e

tal. Então a própria divulgação dada pelo Luiz foi muito importante. Além do fato também de ele ser advogado e ter trabalhado com os policiais na busca e apreensão dessas obras, ele teve enfrentar muitos dissabores, a própria casa de leilão que vendeu os livros não queria dar as informações porque dizia que era sigilo profissional. Ele conseguiu quebrar várias barreiras. Então eu acho que a atuação dele foi exemplar, não só nessa área, mas em várias outras, da parte da reforma...

DP: E a tua experiência como diretor, como é que você avalia esses nove meses de 2001 para 2002?

RB: Então, era numa outra época. Por que? Eu não era diretor com o peso e responsabilidade que tinha o Luiz ou o Castilho, eu era diretor como bibliotecário da casa que era uma divisão, hoje é um departamento. Era como sempre foi antigamente, uma pessoa da biblioteca que vai ganhando experiência, vai ficando lá por um tempo suficiente para chegar a esse cargo. Em geral, todos os bibliotecários que foram chefes diretores tinham sido chefes de alguma seção e foram acumulando tempo de casa, experiência e com isso viraram diretor. O trabalho em si da direção nunca me agradou, eu não sou um bom administrador, não gosto, sou meio desorganizado, então eu acho que poderia ter sido melhor. Não porque eu não dei o melhor de mim, mas porque essa não é a minha melhor parte.

Mas eu fiz várias outras coisas, na área de extensão cultural eu fiz trabalhos ligados à parte de cultura negra que foi muito interessante, porque a gente tinha uma pessoa chamada Conceição que era muito ligada ao fórum África, a pessoas da comunidade que usaram muito bem a *Mário* fazendo apresentações, palestras, lançamentos de livros, exposições... Como eu já tinha trabalhado na extensão cultural eu gostava muito de fazer exposições, eu já tinha feito exposições de livros raros e de outras coisas. Então eu trabalhei com as várias seções e tentei dar desenvolvimento da área de preservação, tanto que o trabalho que hoje está sendo feito pelo alemão Stephen Schafer foi previsto por mim em 2001, eu contatei ele e ele esteve na *Mário de Andrade*, a gente viu mais ou menos o tamanho do problema que já se apresentava de infestação dos livros. Só que a gente não tinha dinheiro que foi conseguido agora, oito anos depois.



DP: Bruno, você fez referência a sua atuação na Extensão Cultural. Eu queria que você falasse um pouco de como você visualiza a atuação nessa área? O que você acha dessa mudança administrativa que o Luiz Francisco propôs nesse novo desenho atribuindo a Difusão Cultural um status de divisão? Como você acha que ela pode estar articulada com o acervo?

RB: Então, essa foi sempre uma discussão que a gente tinha. A Extensão Cultural era vista de duas formas: a vitrine do acervo da biblioteca para mostrar para o público o que a gente tinha e como uma porta de entrada também de um público que não seria o público comum da biblioteca para participar da biblioteca e através desse contato poder usar a biblioteca. Não seria exatamente aquela isca que o Milanese havia dito, mas uma coisa de ação cultural mesmo, um trabalho consistente, se bem feito, de atração da população para mostrar várias possibilidades, não apenas a leitura de livros, mas também as palestras, os debates, os cursos, as exposições, os lançamentos de livros e outros eventos. E ao mesmo tempo pudesse estar interagindo com a população e usando esse espaço para mostrar coisas que a biblioteca tinha ou estava produzindo.

Isso basicamente já era feito. Vamos voltar lá atrás 1960, 61, 62, a Biblioteca criou um prêmio chamado prêmio amпуlheta para premiar o melhor calendário de arte, era uma coisa que não existia no Brasil e a Biblioteca começou isso e durou uns sete anos. A partir daí vieram os Calendários Pirelli e outros que hoje em dia são reconhecidos. Várias pessoas importantes que fizeram parte não só do júri na época, mas ganharam prêmios. Isso era a extensão cultural na época. O meu professor de cinema da ECA tinha estudado engenharia e fazia cursos de cinema na cinemateca da *Mário de Andrade*, ele saía do curso de engenharia e ia assistir filmes no cineclube da *Mário de Andrade*. Ele falou que aprendeu tanto que passou a ser diretor de cinema, o Ismail Xavier, que hoje é um nome reconhecido. Então a *Mário de Andrade* sempre teve essa área, e hoje ela tem um poder até maior, a *Mário* é um departamento e o que era uma seção virou uma divisão. Tem mais pessoal, antigamente era eu e um auxiliar, numa época teve quatro pessoas trabalhando,



muitas vezes era um ou duas pessoas só. Enfim, eu acho que o importante são as boas ideias, os bons projetos e um bom desenvolvimento dessas coisas.

Como a biblioteca está fechada a mais de um ano fica difícil falar alguma coisa da atuação da extensão cultural nesse momento. A gente chegou a ter numa época um monte de shows de música. A gente tinha bastante projeto, “quintas musicais”, depois a gente chegou a achar que a música não era muito uma área primordial da biblioteca.

DP: Isso antecede? Me parece muito a marca do Luiz Francisco pelo menos na orientação que eles nos deu de compensar a difusão. A difusão não articulada com essa linguagem...

RB: A gente fazia música em 1991, 1995, mas já no final da década de 1990 não tinha muito. Até fisicamente o palco não é adequado para isso, não tem bastidor, a pessoa tinha que sair do fundo da platéia e passar para chegar no palco. O som, o barulho incomodava os leitores...

DP: O que você lembra que foi realizado e você considera exemplar? Seja no momento em que você esteve a frente da extensão ou em momentos que antecederam essa equipe. É importante saber... A documentação é muito falha e a dificuldade que a gente tem de acesso. Às vezes, a gente até replica eventos que já foram feitos por falta de conhecimento da história da própria área, desse campo de atuação. O que você lembra? E o que você acha que foram projetos bem sucedidos da então extensão cultural?

RB: Por exemplo, quando eu entrei existia um projeto com o SBPC - Sociedade Brasileira de Progresso para Ciência – chamava-se “ciência ao meio dia”. Uma vez por semana um professor, um pesquisador dava uma palestra sobre algum tema da atualidade. Se estivesse passando algum comenta a palestra seria sobre astronomia. Tinha problema de AIDS uma palestra de saúde pública. Enfim, variava um pouco, mas era interessante, chamava público.



Ao mesmo tempo com o fato da gente ser uma biblioteca, um local de pesquisa, de leitura, de ciências, então a palestra enfocava sempre o fato de que você poderia ter uma continuidade, ou seja, quer conhecer mais sobre esse assunto, vai para a biblioteca e leia os livros. Eu acho que isso poderia acontecer, chamar pessoas para falar de temas da atualidade, não só de ciências, mas de outras coisas.

Cursos e palestras são sempre importantes, eu vi que recentemente vocês fizeram um curso sobre Literatura brasileira e africana e sobre o tema da violência. São coisas interessantes, os temas são amplos e variados e pode até parecer repetitivo: “Ah, porque já se discutiu uma coisa parecida”. Mas eu acho que sempre vai se ter um enfoque novo.

Usar outras mídias eu acho complicado, a gente chegou numa época que já não tinha mais o cineclube a passar vídeo. A gente colocava a televisão no palco, colocava o vídeo cassete ligava e as pessoas da primeira fila assistiam alguma coisa, as do fundo era impossível. A gente não tinha como projetar numa tela e acabamos desistindo.

A gente tentou várias coisas, mas eu acho que sempre seria bom um evento que relacionasse a Biblioteca. Se não diretamente, alguém da Biblioteca, mas com o apoio da biblioteca no sentido de que a biblioteca tem um acervo que pode ser consultado e aquele momento pode ser perpetuado de alguma forma com o uso do acervo. Por exemplo, a gente sempre fez muitas exposições bibliográficas na vitrine da Biblioteca. Hoje em dia eu não sei nem se vai ter vitrine ou um local para exposição, essa reforma está meio... Agora, há pouco tempo eu vi que vai ter uma entrada de cadeira de rodas no meio do que seria a vitrine, então eu não sei se vai ter ou não esse espaço.

A ideia que eu tenho e que não era colocado dessa forma, mas enfim a Biblioteca se transformou, é que ela é uma espécie de centro cultural. Uma biblioteca com exposição, cinema, teatro, palestra, local de evento, lançamento de livro e tal. A arquitetura dela é meio complicada, ela não ajuda muito nesse sentido, então eu acho que é difícil. Por exemplo, você não tem uma bilheteria independente, uma entrada do auditório que você tenha uma passagem direta, você tem que entrar



dentro da biblioteca junto com os leitores. Então, pelas características da arquitetura do prédio, é difícil você propor algo diferente do que tem sido feito.

DP: Você falou da reforma. Você esteve na reforma anterior de 91-92 e eu queria que você falasse como você viu a reforma anterior e como os funcionários se comportaram? Qual foi a expectativa diante da revitalização do prédio e a requalificação da instituição? E neste momento, como você viu e o que você acha? Foi um projeto que demorou a ser implantado, anterior ao Luiz Francisco um outro projeto iria ser implantado. Eu queria que você fizesse um paralelo entre esses dois processos.

RB: O outro foi logo depois que eu entrei, uns dois anos depois. Foi... Como eu posso dizer... Um certo azar nosso de ter sido escolhido uma empresa, que eu não sei dizer se não era a melhor ou se não era capacitada, eu sei que existia uma empresa chamada “método” que era muito especializada em restauro, em trabalhar com cuidado as coisas e que tinha ganhado o restauro do Teatro Municipal e aparentemente fez muito bem o trabalho. Na licitação da *Mário de Andrade* estava essa empresa junto com outras, incluindo uma tal de “Consteca” e, que eu saiba, eles empataram nos critérios, no preço, em tudo. Não tinha como desempatar e foi feito um sorteio. Vários engenheiros, vários homens e uma menina chamada Priscila que era engenheira. “Então escolherá a senhora já que é a única mulher”. Ela foi lá num saquinho e escolheu o nome “Consteca”. Não sei se foi azar, mas o fato é que a reforma não foi muito bem realizada, muito bem planejada, não foi muito bem acompanhada. E aí assim, tem casos complicados que eu nem posso garantir que sejam verdades ou não. O chefe da empresa foi passear no fim de ano junto com o chefe da Edif que era a responsável por fazer a fiscalização, passar o reveillon em Fernando de Noronha, isso era bem estranho e a gente sabe disso porque ele namorava uma bibliotecária. Entendeu? Si é verdade ou não eu não sei, mas é o que dizem.

Os livros tiveram que sair da Biblioteca para ficar num contêiner de aço que foram colocados no jardim da praça porque não tinha onde colocar e, ninguém tinha planejado isso. Os livros foram jogados lá em carrinho de mão, os pedreiros



carregavam no carrinho de mão e jogavam os livros lá dentro. Ai os livros ficaram contaminados e com problemas de acúmulo de livros, vapor de água e calor que fazia, todos os livros de cima ficaram molhados e voltaram todos enrugados, uma parte foi até jogado fora porque ficou com fungo. Então esse tipo de coisa teve, falta de planejamento. Começou a vazar água na inauguração do prédio em setembro com a Erundina presente, dia trinta de setembro, dia 03 de outubro o Maluf foi eleito prefeito. Ninguém sabe se foi feita a inauguração muito rápida para poder mostrar serviço e ai houve falhas. Eles trocaram todos os canos que eram de cobre ou fungos por canos de PVC que não aguentavam a pressão, puseram uma válvula redutora de pressão, mas a válvula não aguentava, você dava descarga nos banheiros e ouvia barulhos e ver tremer e vazar água. Desde 1992-93 tem esse problema.

DP: Era para ter sido uma reforma com a mesma magnitude que essa? Hidráulica, elétrica?

RB: Até maior. A parte hidráulica toda foi trocada, agora não foi. Quer dizer, a gente teve que fazer uma outra troca hidráulica no meio desse tempo. Então assim, foi muito mal realizado, com material de péssima qualidade. Eu lembro de discutir com bibliotecárias que eram ligadas a Marilena Chauí e falar: “Tá péssima a reforma, está pior do que estava antes, vocês vão entregar o prédio pior”. Elas diziam: “Você não pode falar isso enquanto petista você está denegrindo a administração da Erundina”. Eu falei: “Mas eu não sou engenheiro, não estou falando nada e o problema não é nem político. Estou falando de fatos, o que eu vi antes e o que eu vi depois, está pior. A Erundina também não é engenheira e eu não estou colocando a culpa nela de ter feito a reforma, eu estou pondo a culpa na empresa. Tanto é verdade o que eu estou falando que a empresa não chegou nem a receber o dinheiro, porque ela foi multada por não ter feito o que deveria ter feito, a ponto da empresa ter falido. Não recebeu, não pagou, não fez”. A *Mário* pagou o pato de uma reforma mal feita.

DP: Foi um ano e meio e os funcionários ficaram alocados onde?



RB: Foram várias coisas que aconteceram. Teoricamente a gente ia continuar no prédio, a gente preferia continuar, mas vários fatos aconteceram: Pegou fogo num andar sem ninguém saber como ou porque. Tiveram que apagar correndo e ninguém sabia onde estava o extintor de incêndio, foi uma correria. Os pedreiros colocavam a culpa nos funcionários dizendo que foi o funcionário que foi ler jornal e jogou um cigarro e pegou fogo. Os funcionários falaram que não, que eles nunca fizeram isso e que tinha sido o pedreiro que tinha jogado... Vários fatos desse tipo aconteceram e o engenheiro chefe falou: “Com vocês aqui eu não trabalho”. E a bibliotecária falou: “Se vocês não derem segurança a gente também não fica, porque são vocês que estão criando esses fatos”. E claro as pessoas teriam que trabalhar de capacete e ninguém trabalha de capacete. Não tinha muito acordo, chegou um dia que todo mundo foi mandado embora para várias bibliotecas da rede. Eu fui trabalhar em Santo Amaro, outros na Lapa, na Mooca e outros lugares. Ficou só a diretora que era a Lucia Neize e o Marcão que era chefe do departamento de RH, responsável pelo pessoal de manutenção. Na é poça a gente tinha vigilante da própria seção, não era terceirizado, não sei se os vigilantes ficaram ou não.

Logo ficou claro que não dava para ser desse jeito, precisava de gente lá, principalmente em raros. A Lúcia falou: “Bem, eu não vou tomar conta de raros”. Ninguém queria tomar, então chama o Bruno de novo. Eu voltei com algumas pessoas e como raros tinha que ser empacotado, porque a gente viu que as pessoas carregavam livros de carrinho de mão, eu falei: “Não aqui é diferente, aqui a gente vai fazer pacote”. Então a gente passou três meses fazendo pacotes, mudando de um lugar para outro porque às vezes precisava de um lugar, depois do outro. A gente ficava levando pra lá e pra cá tentando evitar o pior.

DP: Não foi feito nenhum trabalho com o acervo nesse período?

RB: Não, nem de catalogação. Era só atendimento, mas como o atendimento foi fechado... Então não tinha.

DP: E para onde foi encaminhado o pesquisador de raros? Para o Rio de Janeiro?



RB: É... Ou para o IEB na USP.

Nessa reforma agora a gente sentiu que houve um planejamento maior. Teve duas outras coisas: Quando eu estava nos EUA eles fizeram a reforma da parte hidráulica - essa reforma foi grande de certa forma - e a parte elétrica, trocaram toda a fiação e as luzes, inclusive para redução de custos de energia elétrica. Então isso já preparou para essa reforma.

Agora teve uma outra reforma da qual eu participei do projeto e que foi muito desgastante. O secretário de cultura Marco Aurélio Garcia tinha sido secretário em Campinas e ele chamou o Fernando? Como chamava aquele arquiteto? Não lembro o nome. Para fazer um centro cultural em Campinas, só que o **Jacob Tai** que era prefeito de Campinas, mudou de partido, saiu do PT e todo mundo que era do PT saiu da secretaria e ele saiu também. Ai ele virou secretário em São Paulo e chamou o mesmo arquiteto que tinha feito o projeto e não tinha recebido. Eu estou falando isso porque eu estou falando o que ele disse na minha frente, na frente de todo mundo: “Eu vou dar esse projeto para ele porque eu estou devendo esse trabalho”. Então esse arquiteto fez o projeto, tanto que recebeu por ele, embora o projeto não tenha sido realizado, até porque o projeto tinha falhas estruturais como fazer uma parte subterrânea na *Mário de Andrade* quando ali tem lençol freático que não permite. Precisaria ter um ar condicionado 24 horas funcionando. Então esse projeto acabou sendo abandonado.

Então, esse outro tem boas coisas em termos de planejamento. Tem coisas discutíveis de colocar a circulante dentro do salão da Biblioteca sem perguntar para ninguém, fizeram lá e seja o que Deus quiser. Fechar a Biblioteca, você não entra mais – quem está dentro da Biblioteca – dentro dessa parte, você tem que dar a volta, sair por fora e ir lá na Av. São Luiz para entrar.

DP: Isso a atual?

RB: O projeto atual. Tudo bem a arquitetura da década de 1930 não permite muitas mudanças e o prédio é tombado e tem toda a parte de mármore que você não pode



ficar mexendo muito. Mas eu não sou arquiteto, eles que resolvam a forma de fazer. Eu não sei dizer se essa é a melhor forma. Espero que funcione.

DP: Você está otimista em relação a tudo o que está acontecendo nesses últimos quatro anos?

RB: Eu prefiro acreditar que sim, que vai dar certo. Em geral eu sou otimista. Eu estava até brincando com a Sueli, ela disse: “Vai cair um asteróide, um cometa e o mundo vai acabar em 2012”. Eu falei: “E a minha preservação, eu estou preservando o livro para quinhentos anos, agora vou ter que mudar para quatro anos”. Eu ainda sou otimista e ainda acho que dá para continuar trabalhando que não vai acontecer nada.

DP: E, outras coleções Bruno que você tem bastante conhecimento e seria importante você falar sobre coleção de arte. O que você considera a fina flor? E o que você acha desse processo todo de catalogação, da informatização do acervo de artes? Entrar um pouco nessa coisa da extroversão, da importância dessas coleções e dessa visibilidade cada vez maior...

RB: A seção de artes da *Mário de Andrade* tem uma importância histórica muito grande. Ela foi a primeira biblioteca de artes da cidade e tem uma coleção grande de 25 mil volumes mais ou menos. Agora, ela não é especializada no sentido de ter obras de arte, são livros comuns sobre arte, ela não é uma biblioteca de museu que tem todas as obras sobre determinado artista. E, como é uma biblioteca pública que o público da cidade de São Paulo tem acesso, a gente não é obrigado a ter livros especializados em inglês, francês e alemão sobre cada um dos artistas. A gente tem, em geral, aquilo que sai em português, embora também tenha em outras línguas. Nós temos obras de arte originais, nesse caso estão guardadas na seção de obras raras: gravuras, aquarelas, pinturas... Mas, a biblioteca não é um museu, não é uma galeria de arte, ela é uma biblioteca, então para o que ela se destina, ela está bem servida, ela tem os livros que precisa. Nos últimos anos a gente tem comprado aquilo que sai na área e estamos mais ou menos bem servidos.



DP: E o projeto do Carpeaux... O que você acha dessa construção de fundos? Você acha que é interessante? Que cabe dentro do perfil de atuação da Biblioteca?

RB: Todas as bibliotecas de obras antigas, em geral, são formadas dessa forma. Ou seja, não é a biblioteca que vai a busca de um determinado livro e compra os livros separadamente em livrarias ou editoras que estão acabando de editar os livros, ou vai ao sebo e compra um livro antigo aqui e outro ali. São grandes coleções que chegam através de compra ou doação de uma vez só e que tem entre as obras uma certa ligação que muitas vezes é interessante manter. Então, o fato de a gente constituir o fundo parte do pressuposto que o fundo já existe, ou seja, que esta ligação já existe anteriormente. Isso é mais comum em arquivo, como eu disse antes, os arquivos também são instituição de memória, guardam série e fundos, é responsável por manter a integridade de um fundo. No arquivo você não vai atrás de um documento, você até pode procurar uma coisa assim, mas sempre está em busca de uma informação que muitas vezes é resultado do trabalho da pesquisa sobre uma coleção. Então são os livros de Fulano de Tal que estão ali e que tem anotações na margem, ou as cartas que ele recebeu e trocou com determinado autor e que fazem parte daquilo e complementam a informação. Não é um trabalho de item individual.

A biblioteca não teria muito esse sentido. Ela é composta de livros e os livros são independentes entre si. Então você querer compor o fundo é você se obrigar a manter a ligação que existia entre esses livros quando eles estavam na casa do colecionador ou do pesquisador e muitas vezes você não sabe qual é, principalmente se você não é um arquivista especialista que saiba fazer essa ligação.

Então assim, não é que eu seja contra manter fundos, mas tem várias questões de ordem prática que você tem que levar em consideração. E como você vai guardar um fundo junto se às vezes ele é composto de livros, artigos de jornal, recortes, fotografias, manuscritos, cartas e outros documentos. Você não põe tudo junto numa estante, então há questões práticas que devem ser levadas em conta.



Hoje em dia com computador é até fácil você manter um fundo numa base de dados e manter eles separados numa estante, não teria problema nenhum, Você sabe que tal e tal livro fazem parte da mesma coleção, mas ele não tem que estar ligados entre si, colocados lado a lado, porque isso dificulta a organização do espaço dentro da biblioteca.

DP: A ideia de catalogar os raros existe como horizonte, não existe?

RB: É, a gente já tentou várias vezes, não só fazer dentro da Mário mesmo por nossa conta, como com projetos: Petrobrás, BNDS, Caixa Econômica Federal. Até agora a gente não foi bem sucedido nisso e eu realmente não sei o que é melhor, ficar tentando um projeto de grande porte para fazer tudo de uma vez que vai levar anos, ou tentar aos poucos, passo a passo, que também vai levar anos, mas pelo menos já estaríamos iniciando um processo, um trabalho.

DP: Você tinha dito quantos livros? Uma estimativa de títulos...

RB: Eu tinha falado que na sala de artes são 25 mil. Na sala de raros são 35 mil, mais ou menos, de livros mais uns 20 mil fascículos de periódicos e mais uns três mil postais, mas essa parte fica na mapoteca.

De tempos em tempos a gente faz transferências, nós transferimos, por exemplo, as aquarelas da sala de arte para raros e são mais de dois mil. Nós transferimos os mapas raros da mapoteca também, são mais de oitocentos. Nós temos mil de duzentas fotografias originais. Então tudo somado talvez chegue a cem mil dentro da seção de obras raras que hoje ocupa dois andares do prédio.

DP: E a sua equipe hoje é constituída por quantas pessoas? Quantas pessoas estariam envolvidas com a catalogação?

RB: São hoje quatro pessoas dentro da sala: eu, a Cleide, a Sueli e a Marilza. Foram chamadas mais duas bibliotecárias que em tese trabalhariam com raros, mas elas estão trabalhando na sala de artes, até porque a artes vai começar um



processo de catalogação da parte da referência que precisa ser feito e a gente espera terminar até o fim do ano para quando reabrir a Biblioteca estar tudo isso a disposição. E a gente vai sempre ter o trabalho de atendimento, então mesmo que a gente se disponha a fazer, nunca vai ter mais do que algumas horas por dia.

DP: E a realização de um trabalho desses por uma equipe de fora, você é a favor?

RB: Sim, desde que a gente possa controlar, monitorar e que seja feito dentro da Biblioteca por questão de segurança. Só uma comparação simples, quando você compra um livro da livraria, da editora, você recebe uma caixa, você abre, carimba os livros, coloca ali do lado e às vezes usa o cotovelo e põe no computador todas as informações. Em obras raras você não pode fazer isso, você pode até levar um carrinho de livros, mas cada livro você vai ter que ver com cuidado. Você não tem todas as informações do livro, às vezes é preferível um outro tipo de procedimento, anotar informações a mão numa prancheta, num formulário ou numa planilha de cada um dos livros, aí sim passar para o computador. Eventualmente se faltar alguma coisa você volta de novo no livro, mas não levar fisicamente o livro ao lado do computador porque você não conseguiria manusear o livro e escrever ao mesmo tempo. São detalhes assim que criam mais problemas na hora de catalogar um livro raro.

DP: Bruno, quando vocês fizeram o projeto “tesouros da cidade” e a digitalização de um pedacinho do acervo de raros, eu queria que você contasse um pouquinho como foi o processo de seleção desses títulos e documentos. Porque quando houve o episódio dos furtos, nós pensamos muito que a visibilidade do acervo também é uma faca de dois gumes: Mostra e ao mesmo tempo atíça essa curiosidade mórbida. Eu queria que você falasse um pouco como encontrar esse equilíbrio entre dar uma visibilidade para esse acervo dessa magnitude e importância e ao mesmo tempo garantir a segurança desse acervo.

RB: Vários organismos, até internacionais, se preocupam com essas duas questões. Em Washington tem uma comissão que chama “Comissão de Preservação e



Acesso” porque as duas questões andam juntas. Não adianta preservar, trancar num cofre e ninguém ter acesso e não adianta ter um acesso ilimitado a ponto de permitir que o livro seja estragado, roubado e aí ninguém mais vai ter acesso. Então, as coisas têm que caminhar juntas.

A internet hoje é uma porta de acesso muito grande as informações das bibliotecas. Então, uma das formas é digitalizar, fotografar os livros. Pode ser tanto uma parte do livro, como livro todo. A gente tomou a decisão de fazer trabalhos diferentes, por exemplo, para livros de texto sobre o Brasil a gente digitalizou o livro inteiro de página a página. Para livros de viajantes que estiveram no Brasil e são muito conhecidos e o original está em inglês, alemão, francês, mas existem várias traduções recentes inclusive, a gente digitalizou apenas as imagens originais porque aí a pessoa não teria como acompanhar o texto de uma forma mais fácil.

Vários dos livros que nós digitalizamos são obras raras, não existem cópias em outro lugar do mundo, a gente fez uma grande pesquisa. Para seleção a gente se baseou nisso: na importância da obra em si, na prévia divulgação ou não da obra, ou seja, quando a obra tinha muita reprodução ou já existia em vários exemplares a gente não fazia. E a questão da preservação, a própria obra tinha que estar em bom estado e a digitalização não poderia prejudicar a obra, ou seja, alguns livros que não abrem bem, não foram fotografados porque não tinham como digitalizar. Ao mesmo tempo a gente tinha uma limitação, um dado concreto que era a verba destinada a fazer o projeto o que significava na prática, num primeiro momento, vinte mil páginas e depois um outro projeto de 10 mil páginas e a gente não poderia estourar esse limite. Então foram selecionados livros... São quatro projetos distintos de digitalização. O primeiro foi de livros sobre o Brasil de 1550 a 1880. Em latim, francês, holandês. Em diversas áreas a gente tentou selecionar os livros mais representativos em cada um dos séculos pegando várias partes sobre o Brasil. O segundo de fotografias, das fotos originais que nós temos, também foi bem grande. Basicamente seria só São Paulo, mas a gente acabou fazendo fotos sobre o Brasil que a gente tinha na coleção. O terceiro foi livros sobre São Paulo. E o quarto sobre fitas de áudio. O primeiro sobre o Brasil tinha haver com os 500 anos do descobrimento, foi por volta do ano 2000. O terceiro sobre São Paulo foi em 2004 então tinha haver com os 450 anos de São Paulo, ele também foi digitalização de



livros sobre São Paulo. O de foto tem fotos tanto de São Paulo como do resto do Brasil. E o quarto que eu não estive diretamente ligado, mas foi feita a digitalização de áudios das palestras da extensão cultural, cerca de 120 fitas foram digitalizadas. Só que no meio tempo quem estava a frente desse processo e a empresa que estava digitalizando... Acabou terminando o contrato com a Mário de Andrade e não foi colocado on line a parte das fitas, e mesmo a parte de São Paulo, só é possível pesquisar no site da empresa que digitalizou e não no site da Prefeitura. O site não foi atualizado e então essa parte ainda não entrou.

DP: As pessoas reclamam muito que o acesso ao Tesouro da cidade é difícil.

RB: Para facilitar por um lado e para ter mais controle por outro, a empresa que digitalizou exige que seja baixado em cada computador que acessa a página um plug in, uma espécie de programa de computador que permite que você leia o acervo e muitos computadores, inclusive o da própria prefeitura barra esse plug in como se fosse um download indesejado de alguma coisa que pode ser um vírus. Então você acaba não conseguindo acessar, isso é um problema.

DP: Eu estou me aproximando do final, ok?

RB: OK.

DP: Essa aqui é uma pergunta que o Willian... Ele encaminhou algumas perguntas que eu já incluí aqui nas questões que eu apresentei para você. Ela fala que existem vários códigos de localização dentro do acervo de raros, por que? E Você acha que eles devem ser unificados ou revistos?

RB: Esse é um problema. Quando eu entrei na Biblioteca, nós tínhamos na sala de leitura que é a sala Paulo Prado, a sala onde os pesquisadores têm acesso, armários de madeira com porta de vidro que deixavam a vista de todo mundo os livros catalogados. E esses livros seguem um padrão de numeração e de letra relativo as posições fixas dos livros na estante e eles são organizados por tamanho,



os livros pequenos ficam em cima, os médios no meio e os grandes ficam em baixo. Então, eu mantive esse padrão, não tinha porque mudar. Até por uma questão estética, os livros tem uma encadernação bonita e o número da lombada é muito pequeno e não interfere muito, é diferente de uma etiqueta como tem hoje: branca, grande com números impressos em computador. Até porque a gente jamais ia colar uma etiqueta dessa na lombada do livro. Então essa é uma das classificações que existem. Numero de chamada que é como a gente chama e é como você localiza o livro na estante e são 3450 volumes. Então assim, você chega e fala: “Vamos mudar”. Não é tão fácil de mudar assim, até porque iria interferir na disposição física dos livros.

O segundo é a continuação desse padrão dentro da Biblioteca que segue por mais quatrocentas prateleiras, 350 prateleiras, que tem mais ou menos seis mil volumes. Eu posso mudar isso também porque não está na lista do público, mas é muita coisa para mudar. Provavelmente, quando a gente for catalogar, esses números seriam os primeiros a serem transferidos para novas numerações porque eles realmente não precisam manter esse padrão anterior.

O terceiro é que quando a Biblioteca mudou de sistema, que a gente chama de sistema relativo, os livros passaram a ser catalogados nesse sistema. Tem vários livros nesse sistema novo, vários que eu digo são cerca de dois mil volumes que seria um sistema mais comum a todas as bibliotecas, tanto no Brasil como fora e que a gente poderia por o resto ai. Mas isso é justamente a menor parte da nossa coleção, seria mais fácil colocar esses dois mil na forma antiga do que pegar os oito mil antigos e colocar nesse sistema. Provável mente é o que a gente vai fazer, a gente vai usar esse sistema, tanto que o Otto Maria Carpeaux já foi colocado nesse sistema, são mil e quatrocentos volumes.

Mais ai tem mais quinze mil volumes que nós trouxemos da coleção da torre que é da coleção antiga. E, a coleção antiga tinha três sistemas de classificação: o fixo, o misto e o relativo. Nós temos uns dez mil da fixa e uns dez mil da mista. Dá para mudar, mas também vai envolver anos de trabalho. Então só para mudar... Mudar por mudar não tem muito problema. A gente tem os livros, tem a localização, tem as fichas para localização e, quando você tiver tudo no computador basta você dizer essa ou aquele a localização. Tanto faz se o número é A,B,C ou 1, 2, 3. Se



você tem a localização você acha o livro. Então não é que eu não queira ou não me importe, mas é que, primeiro não tem importância porque os livros não estão a disposição do público, a vista do público. Eles estão guardados dentro de estantes e o numero que for dado é aquele que está lá. A gente pode mudar.

Para complicar ainda mais um pouquinho, eu criei mais um. Os livros mais raros são colocados em ordem cronológica. Então, hoje em dia você tem quase dez mil volumes colocados em ordem cronológica, é uma massa muito grande também, mas que também é definitiva porque essa é a forma que é adotada inclusive em outras bibliotecas, precisa só adequar melhor a forma de guarda de alguns livros, mas provavelmente é isso.

Tudo está meio em suspenso e dependendo da reforma porque uma das discussões que se tem é o que fazer com os armários deslizantes onde esses livros estão guardados. Foi proposto até que se tirasse os armários e que não se tivesse mais, mas isso para gente é impensável hoje em dia. Então eu não sei exatamente o que vai acontecer. O fato de existirem quatro ou cinco classificações diferentes não assusta, elas têm história e razão de ser. Elas não precisam continuar sendo assim, pelo menos o que está dentro das estantes, o que está na sala Paulo Prado eu acho que tem um motivo até estético para permanecer desse jeito.

DP: Bom Bruno, agora a gente vai fazer um exercício de futurologia, tenho aqui uma pergunta que foi mandada pelo seu colega Willian. Você consegue imaginar o atendimento ao pesquisador de obras raras após a reforma e daqui a dez anos? Como você visualiza isso? Ou idealiza?

RB: Após a reforma eu não sei. Daqui a dez anos é mais fácil, por que ai ele está em casa, pergunta por e-mail, fala que viu um texto assim ou assado e pergunta se a gente tem. A gente manda uma foto digital... Bom com essas novas tecnologias, eu acho que dá para visualizar um futuro que seja muito mais internético. As pessoas através da internet vão saber o que a gente tem, se quiserem alguma coisa específica vão mandar um e-mail, a gente vai responder no mesmo dia, mandando uma foto digital, ou alguma outra informação. Eu acho que a coisa presencial não vai ser tão importante, vai ser importante para aquelas pessoas que precisam ver o livro



enquanto objeto, a questão da encadernação, do papel ou mesmo tirar alguma dúvida que a foto não deixa muito claro. Então, a presença física talvez diminua, mas o contato talvez aumente em termos de número porque mais gente vai poder ter acesso e vai poder pesquisar.

Agora, logo depois da reforma eu não sei. Ontem eu teria uma reunião sobre o layout da sala e acabou não tendo. A gente nem sabe como vai ser a sala. Tem problemas sérios hoje até em relação à segurança, provavelmente a gente vai adotar um sistema de segurança que envolva colocar algum tipo de catraca, mas parece que catraca em local público não é permitido. Então vai ter que ter algum outro tipo de segurança de controle de livro. Colocar como em várias livrarias e bibliotecas uma coisa eletrônica dentro do livro que você cola para que se alguém passe com o livro aquilo apite, você não vai fazer isso com a obra rara. Então ainda está meio em discussão qual vai ser o desenho, mas com certeza a gente vai estar na mesma sala e com os mesmos fichários batidos a máquina e a pessoa vai ter que ser obrigada a ir a biblioteca ou pelo menos telefonar e ir perguntando se a gente tem o acervo, ou outro tipo de material. Quanto a quantidade acho que vai permanecer a mesma coisa...

DP: Qual que é a média de atendimento por semana?

RB: Varia muito. Às vezes tem uma ou duas pessoas por dia, às vezes tem mais. Às vezes passa um dia sem ninguém aparecer. Dez, quinze pessoas por semana ou um pouco mais.

DP: E o pesquisador de obras raras atualmente está tolerante em relação ao fechamento da Biblioteca ou anda ruminando?

RB: A gente não tem um público cativo, justamente porque é uma Biblioteca pública. Seria diferente, por exemplo, de uma biblioteca de faculdade que os alunos estão ali na dependência daquela coisa. Temos gente de todo o Brasil, muitas vezes a gente tem recebido e-mails de alunos: "Ah, eu estou com uma tese terminando e preciso consultar uma coisa que tem aí". A gente tem dito que infelizmente não é possível,



mas sempre que pode a gente indica um outro local que tenha o mesmo material, as vezes as pessoas desconhecem, né? Mas reclamação não, porque em geral as pessoas reconhecem que a reforma era necessária, era importante... Então, vai ser para o bem de todos.

DP: E em relação ao debate dentro da biblioteconomia a nível internacional. Você acha que no Brasil há uma sintonia em relação ao que está sendo discutido nos grandes núcleos do EUA e de outros centros de formação?

RB: Eu acho que não. Uma das grandes discussões hoje em dia é o tal do Google Books, que a Google está digitalizando milhões e milhões de exemplares pelo mundo a fora. Tem uma discussão em relação a direito autoral porque eles digitalizam até livros recentes. E o Brasil não entrou num projeto de digitalização em massa de livros. Existem várias discussões sobre catalogação, de mudança de parâmetros de catalogação, das novas formas de catalogar um livro, de como utilizar o computador e a internet para poder descrever melhor a obra e o Brasil sempre usa catálogos antigos ou novos, e, os catálogos antigos não têm uma norma própria, não que tivesse que ter, mas a norma anglo-americana que foi adotada desde a década de 1980 nos EUA, só foi traduzida no Brasil muitos anos depois, a segunda edição foi adotada no final dos anos 1990 e só foi traduzida agora alguns anos atrás e lá eles estão na terceira edição, na continuidade e aqui a gente está meio para trás.

Por exemplo, hoje a gente ainda discute se vai utilizar fichas ou não para catálogo de biblioteca. Lá no exterior ficou muito claro: A partir do momento que você tem um computador você para de gerar ficha, você só tem o computador e os usuários usam o computador. Lá é fácil você ter um computador e ter vinte, trinta ou quarenta para todos os usuários, porque a partir do momento que você não tem uma ficha, um catálogo ou um fichário com aquelas gavetinhas, você tem que ter muitos computadores porque senão vai ficar uma fila de gente querendo consultar. E aqui não, você ainda tem bibliotecas gerando fichas como era o nosso caso até recentemente. Você fazia a catalogação no computador e ai imprimia as fichas, e as pessoas perdiam tempo colocando as fichinhas em ordem alfabéticas e nas gavetinhas... Duplicada, as informações estavam no computador. Muitas e muitas

bibliotecas nem se quer atualizaram, que é o segundo passo, quer dizer você num primeiro momento você deixa de catalogar os livros novos em fichas, faz só no computador e depois você volta e cataloga tudo que estava em ficha no computador. Muitas bibliotecas lá já fizeram esse segundo passo e aqui a gente não tem em diversas bibliotecas, inclusive a *Mário de Andrade* que tem centenas e milhares de livros catalogados só em fichinhas. É um processo longo, demorado, de transferência de acesso de ficha para computador, mas é fundamental, o futuro é isso.

DP: Bruno, qual biblioteca você considera, pensando nas suas experiências fora do país, são emblemáticas em termos de funcionamento, acessibilidade ao acervo e racionalidade no uso da informação?

RB: Têm várias. Eu vi várias coisas acontecendo, eu visitei várias bibliotecas nas cidades, basicamente nos EUA. As outras informações que eu tenho da Europa são da internet ou literatura. Aquela velha ideia de que o cliente tem sempre razão, lá funciona de fato, quer dizer, você trabalha para atender o público e você adianta as necessidades do público, você se coloca sempre a frente daquilo que possa estar vindo. Aqui a gente parece que está sempre atrás. O público pede e aí você vai pensar se você vai poder fazer, e lá a coisa já é mais rápida.

Eu vi várias bibliotecas diferentes, então é difícil você comparar uma com outra. A Biblioteca Pública de Nova Iorque, por exemplo, é uma das melhores do mundo, e eles têm vários problemas porque não é uma biblioteca pública no nosso sentido, é uma biblioteca privada, é um conglomerado de fundações, associações de pessoas que criaram uma biblioteca aberta ao público, mas eles são quem mantêm o acervo, eles são quem compram os livros. Quando eu estive lá da última vez eles estavam com um grande problema de dinheiro, eles já não tinham mais dinheiro para manter os funcionários e a prefeitura estava começando a pagar salários para os funcionários, mas não podia pagar para todos. Então tinham várias salas que não funcionavam, funcionava só segunda, quarta e sexta, porque só tinha funcionário contratado como temporário por um período curto. Era muito engraçado você ia

numa sala e eles diziam: “Não, hoje não está aberto. Só amanhã porque hoje não está aberto”.

Em compensação eles têm acervos riquíssimos. Por exemplo, na de Nova Iorque você chega e você fala: “Vou pegar uns livros”. Para isso você tem que ter uma carteirinha. Eu já pensei: “Ah, então eu volto aqui no mês que vem”. Mas não você faz na hora, você senta no computador, escreve seu nome, endereço e não sei o que lá... Manda para o próximo computador, entra na fila que nem era fila porque não tinha ninguém. Na frente do outro computador com uma câmera, ele vai ler as informações, conferir, tirar sua foto, e no próximo computador saia um cartão magnético igual de cartão de crédito com a sua foto, com seu nome, com a tarja magnética e você na frente do balcão já podia pedir o livro que quisesse que você levava para casa ou lia ali mesmo. Uma coisa impensável hoje aqui na Mário de Andrade, talvez em alguma instituição tenha.

Várias e várias bibliotecas tem xerox no meio das estantes, você pega o livro, tira xerox. Põe uma moedinha, um dinheiro, ou esse cartão mesmo que serve com crédito, tem aqueles leitores de cartão de crédito que você coloca põe o dinheiro e fica usando. Eu usava isso comumente nas bibliotecas que eu ia. Então assim, o atendimento, a facilidade que você vê para as pessoas é muito grande, claro, a mão de obra é cara, por isso você não pode pagar para um funcionário ficar tirando xerox. Também a confiança no leitor é maior, você sabe que ele não vai estragar um livro, que ele não vai arrancar a página, ele vai tirar xerox e vai pagar direitinho porque a máquina está ali. As pessoas têm muito mais autonomia, aqui a gente tem que ter gente para ensinar a procurar em ordem alfabética no catálogo, no fichário e lá eles não têm muito esse problema de educação, ou falta de. É uma vantagem digamos.

Eu vi bibliotecas também que tem essa parte de preservação muito maior a ponto de ter salas especiais com controle de luminosidade, com vidros especiais e com todo o aparato que a gente nem de longe tem aqui. Talvez nos grandes museus e galerias de exposição você tenha alguma coisa parecida, mas uma biblioteca “simples” aqui no Brasil não é comum você ter e lá em geral elas têm. Quando elas têm alguma exposição, é tudo planejado, é tudo feito como deve ser.



DP: Bruno, eu tenho as duas últimas perguntas. Uma clássica pergunta que a gente faz para todos os nossos entrevistados: Como você visualiza, idealiza essa recuperação institucional da Biblioteca? O que você sonha para ela ao longo desse processo de requalificação? E como você acha que ela vai reencontrar essa função que ela teve, como catalizadora, como centro vibrante de pensamento? Como você visualiza isso? Você é otimista, você falou.

RB: Eu sou otimista, mas não podemos negar que o mundo mudou e o centro da cidade também mudou. Eu não vejo mais a *Mário* como era quando ela foi criada. Ela chegou a ser a biblioteca central da USP, por exemplo, quando a USP era na Maria Antonia e Florestan Fernandes, Fernando Henrique iam à *Mário* para pesquisar.

Com a internet, muitas pessoas comuns deixaram de consultar na *Mário*. Eu acho que pelo acervo que ela tem, pela história, pela antiguidade, disposição no centro da cidade, ela ainda atrai muita gente, inclusive turistas. A Biblioteca é uma instituição de saber, de conhecimento, então isto também atrai as pessoas. Eu acho que desde que a gente esteja à altura não só da história, como das necessidades dos pesquisadores e leitores, a gente vai precisar estar acompanhando essas necessidades. Então eu acho que... É difícil dizer assim: “Ah, vamos mudar e deixar de ser funcionário público e trabalhar como se deve”. Muitos funcionários públicos trabalham como se deve, claro que tem questões políticas de mudanças de governo, mudanças de ideais, de perspectivas... Enfim, por mais otimista que eu seja eu não posso simplesmente dizer que a coisa vai dar certa. Mas eu acho que a gente tem um acervo, tem uma história, tem um passado que nos qualifica a ter uma presença importante na continuidade da história de São Paulo, quer dizer, as pessoas de São Paulo vão continuar dependendo da *Mário de Andrade*. Eu só espero que a gente esteja a altura de atender as pessoas.

DP: Bacana.

Eu faço a última pergunta que é mais uma curiosidade. Como leitor, o que você revisita com regularidade? O obsessivo reler várias vezes. Livro de cabeceira...



RB: Não tenho muito. O único que eu me lembre vendo você falando... Dicionário. E não é brincadeira, é que eu gosto de dicionário e eu tenho vários e eu sempre leio e estou sempre procurando. Não só português como em outras línguas, eu gosto de enciclopédia.

Eu na verdade, não sei se posso dizer, sou um péssimo leitor, eu leio muito pouco. Eu li mais quando criança, quando jovem, mas li muito pouco, principalmente literatura brasileira, eu li meio que por obrigação. Na Biblioteca eu tenho pouca oportunidade de ler mesmo livros por entretenimento, então acabo lendo tecnicamente. Às vezes eu sei sobre centenas de livros de um autor porque eu li os catálogos, eu pego uma fonte bibliográfica, eu pego, enfim... Mas não que eu tenha lido cada um deles, mas obviamente como tenho uma boa memória, eu lembro quem é o autor, o que ele escreveu, sobre o que fala os livros porque eu já li uma crítica. Inclusive saiu há pouco tempo um livro sobre... “Os livros que você não leu”. Eu acho que eu já li todos aqueles. É por aí.

DP: Muito bom, eu queria te agradecer enormemente por todo o trabalho que você já fez pela Biblioteca, por esse testemunho que eu acho um testemunho importantíssimo e pela generosidade de você estar compartilhando aqui conosco, no nosso projeto.

Obrigada.

RB: Obrigado.

